

**Universidade do Extremo Sul Catarinense
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais**

**A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM
UMA PRÉ-ESCOLA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ, SANTA CATARINA**

Rudnei Joaquim Martins

**Criciúma, SC
2012**

Rudnei Joaquim Martins

**A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM UMA
PRÉ-ESCOLA DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ, SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Área de concentração: Ecologia e Gestão de Ambientes Alterados.

Orientadora: Prof^a Dr^a Teresinha Maria Gonçalves

Criciúma, SC
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M386a Martins, Rudnei Joaquim.
 A apropriação do espaço escolar : um estudo de caso
 em uma pré-escola de Balneário Camboriú, Santa Catarina.
 / Rudnei Joaquim Martins ; orientadora : Teresinha Maria
 Gonçalves. – Criciúma : Ed. do Autor, 2012.
 109 f. : il. ; 30 cm.

 Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul
 Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências
 Ambientais, Criciúma, 2012.

 1. Apropriação do espaço. 2. Psicologia ambiental.
 3. Pré-escolares. 4. Ambiente escolar – Aspectos
 educacionais. I. Título.

CDD. 22^a ed. 370.15

Bibliotecária Eliziane de Lucca – CRB 1101/14^a -
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não é apenas um mero trabalho acadêmico, é a busca de conhecimentos para levar a uma educação infantil de qualidade, não só no aspecto pedagógico, mas também preocupada com as questões ambientais, ao tentar entender as relações das crianças com o ambiente que as cerca. Quando conseguimos entender esta relação, podemos mudar as formas de agir e de preservar o meio ambiente onde vivemos, moramos e estudamos.

Esta dissertação também é um sonho realizado e fruto de muito estudo, trabalho, dedicação e amor. Desta forma, tenho muito a agradecer às pessoas que tornaram este sonho possível. E a elas tenho meu profundo agradecimento e reconhecimento de dever cumprido.

E agradeço:

À Professora Dra Teresinha Maria Gonçalves por ter acreditado no meu projeto, ter me introduzido à Psicologia Ambiental, por ter sido exigente, compreensiva e carinhosa. Espero contar sempre com nossa amizade. Professora, muito obrigado.

Aos meus pais em memória, Agripino e Bernadete, que moram eternamente no meu coração.

Ao meu companheiro de todas as horas Fernando, sendo sempre meu porto seguro.

Ao amigo e professor do PPGCA Robson dos Santos, que me apresentou ao programa e sempre me incentivou.

À minha irmã Esmeralda, que me acolheu e ajudou no período em que estive em Criciúma.

Aos meus alunos do Núcleo de Educação Infantil Meu Primeiro Passo que foram a inspiração e o motivo deste trabalho.

A todos os colegas do Núcleo de Educação Infantil Meu Primeiro Passo, que realizam um trabalho maravilhoso junto às crianças.

Aos colegas de mestrado, em especial Glaucia e Kelly, que foram verdadeiras parcerias dentro e fora do mestrado.

Finalmente, agradeço a CAPES, que possibilitou a realização de um sonho pessoal e profissional.

O caminho para a mudança passa, também e necessariamente, pela educação: libertária, crítica, revalorizada, a trabalhar sua função transformadora mais intensamente que a conservadora. Aqui também o modelo identificatório, de grande importância pela influência que o professor exerce (ou deve exercer), deve ser de inspiração humanista.

Sueli Damergian

RESUMO

A Psicologia Ambiental busca entender a relação do ser humano com o espaço em que vive. Para configurar se o espaço foi apropriado, podem-se observar elementos que confirmam o processo de apropriação do espaço: a identificação, o sentimento de pertença, a personificação, a cultivação e o sentimento de defesa. Quando se trata do espaço escolar, a apropriação do mesmo possui efeitos psicológicos e pedagógicos. O objeto desta pesquisa é o processo de apropriação do espaço escolar na pré-escola Núcleo de Educação Infantil (NEI) “Meu Primeiro Passo”, pois as espacialidades deste estabelecimento de ensino poderiam não estar contribuindo para o pleno desenvolvimento das crianças. Para este estudo, têm-se como objetivo geral compreender o processo de apropriação do espaço escolar na pré-escola por crianças de 4 a 6 anos, identificando os modos e os sinais que comprovam a apropriação do espaço pelas crianças, e a percepção de duas educadoras têm em relação às espacialidades do NEI. O método escolhido foi o estudo de caso, onde o coletivo da pesquisa foram os alunos do Núcleo de Educação Infantil (NEI) “Meu Primeiro Passo”, uma professora e uma auxiliar, totalizando 110 sujeitos. A pesquisa de campo ocorreu por dados coletados por meio de observações sistemáticas, desenhos, colagens, inventário fotográfico e entrevistas semi-estruturadas. Primeiramente foram definidos os espaços aos quais as crianças têm acesso (parquinho, quadra, sala de aula, área coberta, refeitório e corredor). Na sequência, para confirmar a apropriação, foi solicitado às crianças que desenhassem o espaço que mais gostam. Em outra atividade, foi pedido para as crianças que realizassem a colagem, em ordem de preferência, das figuras que representavam os espaços do NEI. As colagens foram valoradas e calculadas estatisticamente para a obtenção das médias. Como resultado, o parquinho aparece como o espaço preferido com cinquenta e dois desenhos, 48% do universo pesquisado. Este resultado foi corroborado com a atividade de colagens das figuras, com a obtenção da melhor média, 5,13. Em segundo, a quadra esportiva, com trinta e quatro desenhos, 31,48% e 3,94 de média nas colagens. A sala de aula ficou em terceiro lugar na preferência, 12,96% dos desenhos e 3,40 de média das colagens. O refeitório foi citado como o espaço preferido em apenas cinco desenhos, 4,62%, a área coberta foi citada em dois desenhos, 1,85% e o corredor, que também é o hall do núcleo, foi citado em um único desenho, 0,92%. Os três últimos espaços citados obtiveram quase a mesma preferência na atividade de colagens das figuras, com médias de 2,83 (refeitório), 2,84 (área coberta) e 2,86 (corredor). Todos os desenhos confirmam a apropriação dos espaços do NEI, contudo esta apropriação é singular e diferente para cada criança. Os desenhos também foram analisados seguindo os conceitos da Psicologia Ambiental e as Referências Bibliográficas Pesquisadas. Como conclusão, observou-se que a criança facilmente se apropria do espaço onde está, em maior ou menor intensidade, dependendo da liberdade que tem no espaço; os espaços preferidos foram o parquinho, a quadra e a sala de aula. A área coberta, o refeitório e o corredor são espaços importantes e transitórios, estes são apropriados de forma diferente. O NEI Meu Primeiro Passo possui poucos mobiliários lúdicos e o seu espaço físico é bastante limitado, porém esta percepção não foi passada nos desenhos das crianças e nas colagens. No entanto, essa percepção foi demonstrada pela professora e pela monitora, em suas entrevistas. Para as crianças, o fator que é mais determinante é a liberdade de agir, as experiências vivenciadas, as atividades realizadas e, principalmente, a afetividade dos profissionais que atuam diretamente com elas.

Palavras-chave: apropriação do espaço, psicologia ambiental, pré-escola.

ABSTRACT

Environmental Psychology seeks to understand the relationship of humans with the living space. To configure the appropriation of space, five elements that support this appropriation can be observed. These elements are identification, a sense of belonging, the embodiment, the cultivation and the feeling of defense. When it comes to the appropriation of the school spaces, pedagogical and psychological effects can also be observed. The object of this study was the process of space appropriation in the preschool Núcleo de Educação Infantil (Center for Early Childhood Education; NEI) "Meu Primeiro Passo" in Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brazil, which has a very restricted area which may not contribute to the full development of its students. The objective was to understand the ways in which the 4-to-6-year-old children appropriated the spaces, identifying and analyzing the signals of personification and cultivation of space by the students, as well as the perceptions of students, one teacher and one monitor in relation to the spatiality of the school. The method chosen for this research was case study, and involved all students of the preschool, a teacher and an aide, with a total of 110 subjects. In the field research, data was collected through systematic observations, drawings, collages, photographic inventory and semi-structured interviews. The spaces the children have access were determined (playground, sports court, classroom, covered hall, cafeteria and corridor). As the first activity, the children were asked to draw the space they liked the most. The second activity involved the collage of figures that represented the spaces of the preschool, also in the order of preference. Each collage was given a value, which was higher for the most liked space, and lower for the least liked space, and the average and other statistics were then obtained. To confirm the appropriation of the spaces, children were asked to draw the space they liked the most. As a result, the playground was the space that came first as favorite appearing in fifty-two drawings, 48% of the researched subjects. The collages corroborate these results, with the higher average, 5.13. The second preference was the sports court, with thirty-four drawings, corresponding to 31.48%, and 3.94 as the average in the collages. The classroom was the space that emerged as third in preference with 12.96% of the drawings and 3.40 as the average in the collages. The cafeteria was the preferred space in only five drawings, i.e. 4.62%. The covered area was cited in only two drawings representing 1.85% of the drawings, and the corridor, which also serves as the school's lobby, was quoted in a single drawing representing 0.92%. The collage of pictures of these three spaces resulted in the averages of 2.83 (cafeteria), 2.84 (covered hall) and 2.86 (corridor). All drawings confirmed the appropriation of the spaces in the preschool; however, this appropriation is unique and different for each child. The drawings were also analyzed following the concepts of Psychology and Environmental Psychology and the models drawn from the literature. In conclusion, we observed that the child easily appropriates the space where it is, to a greater or lesser extent, depending on the freedom it has in a particular space; the favorite spaces were the playground, the court and the classroom. The covered hall, the cafeteria and the corridor are transitory spaces, although important, and are appropriated in a different fashion. The preschool has little ludic objects, besides having a very limited space; however this perception was not confirmed by the drawings and the collages. On the other hand, both the teacher and the monitor that participated in the study conveyed this impression in their interviews. It seems, therefore, that the most important element for the children is their freedom in the spaces, the experiences they have in each space, and foremost, the affectivity demonstrated by the professionals that work directly with them in the school.

Keywords: space appropriation, environmental psychology, preschool.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Jardim de Infância, Lauro Müller (Guatá), Santa Catarina. Foto: MARTINS, R. J., 1975. ...	15
Figura 2. Esquema representativo do processo de apropriação do espaço.....	22
Figura 3. Vista frontal da Creche Meu primeiro Passo. Foto: Arquivo do NEI, aproximadamente entre 1990 e 1995.....	33
Figura 4. Vista frontal da Creche Meu primeiro Passo. Foto: Arquivo do NEI, aproximadamente entre 1995 e 2000.....	34
Figura 5. Vista frontal da Creche e Pré-escola Meu primeiro Passo. Foto: Arquivo do NEI, aproximadamente entre 2000 e 2005.	35
Figura 6. Banner com a visão e a missão do NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2010.	35
Figura 7. Vista frontal do NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2010.....	36
Figura 8. Parquinho do NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2011.....	41
Figura 9. Quadra do NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2011.	42
Figura 10. Sala número 1 (Grupo Urso) NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2011.	43
Figura 11. Refeitório do NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2011.....	44
Figura 12. Área Coberta do NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2011.....	45
Figura 13. Corredor (Hall) do NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2011.	46
Figura 14. Valores quantitativos de desenhos para cada um dos espaços.....	47
Figura 15. Desenhos do parquinho do NEI Meu primeiro Passo.....	48
Figura 16. Desenhos da quadra do NEI Meu primeiro Passo..	50
Figura 17. Desenho da sala de aula do NEI Meu primeiro Passo	51
Figura 18. Desenho do refeitório do NEI Meu primeiro Passo.....	52
Figura 19. Desenho da área coberta do NEI Meu primeiro Passo	54
Figura 20. Desenho do corredor do NEI Meu primeiro Passo.	55
Figura 21. Médias das colagens das figuras dos espaços aos quais as crianças têm acesso.....	56
Figura 22. Mochilas dos alunos do Grupo Urso, NEI Meu primeiro Passo. Foto: MARTINS, R. J., 2011.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 JUSTIFICATIVA	8
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 Objetivo Geral	13
1.2.2 Objetivos Específicos	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 MEMÓRIA E CONVÍVIO	14
2.2 A PSICOLOGIA AMBIENTAL E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO	18
2.3 O ESPAÇO ESCOLAR E SUA APROPRIAÇÃO NA PRÉ-ESCOLA	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
3.1 LOCUS DA PESQUISA, COLETIVO DA PESQUISA, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	33
3.1.1 Conhecendo o NEI Meu Primeiro Passo	33
3.1.2 O Coletivo da Pesquisa	36
3.1.3 A Coleta e Análise dos Dados	37
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
4.1 OS ESPAÇOS QUE SE TRANSFORMAM EM LUGARES	41
4.1.1 O Parquinho	41
4.1.2 A Quadra	42
4.1.3 A Sala de Aula	42
4.1.4 O Refeitório	44
4.1.5 A Área Coberta	45
4.1.6 O Corredor (Hall)	45
4.2 A ANÁLISES DOS DESENHOS E OS ESPAÇOS APROPRIADOS	46
4.2.1 O Parquinho	47
4.2.2 A Quadra	49
4.2.3 A Sala de Aula	50
4.2.4 O Refeitório	51
4.2.5 A Área Coberta	53
4.2.6 O Desenho do Corredor (Hall)	54
4.3 A COLAGENS DAS FIGURAS E OS ESPAÇOS APROPRIADOS	55
4.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM A MONITORA E A PROFESSORA	58
5 CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICES	68
ANEXO	108

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória. O método científico escolhido foi o estudo de caso de uma pré-escola de Balneário Camboriú, Santa Catarina. O objeto desta pesquisa é “o processo de apropriação do espaço e como isto se dá na escola”, mais precisamente, na “pré-escola Núcleo de Educação Infantil (NEI) Meu Primeiro Passo”. Este objeto foi escolhido em função da percepção do pesquisador, que é professor de Educação Física desta unidade escolar, de que as espacialidades do estabelecimento de ensino, lócus desta pesquisa, podem não estar contribuindo para o pleno desenvolvimento das crianças, uma vez que os espaços são reduzidos, aproveitando nengas de um terreno de 462m². E este espaço, por não estar devidamente organizado, pode estar prejudicando o efetivo desenvolvimento dos alunos. Isto, apesar da resolução nº 01/2006 do regimento interno do NEI Meu Primeiro Passo, determinando em seu Capítulo V, artigo 15, que trata do espaço e dos equipamentos, que as salas devem ter área mínima de 1,30 m² por criança (BALNEÁRIO CAMBORIÚ, 2007).

Moura (2009), ao abordar o espaço escolar, salienta o quanto é fundamental a busca de uma educação infantil de qualidade. A autora acrescenta “[...] a relevância da organização do espaço para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças não pode ser desconsiderada, já que ela contribui de forma efetiva para uma educação infantil de qualidade. O espaço educa. Seu planejamento nunca é neutro” (MOURA, 2009, p. 140). Além disso, o espaço tem outras funções como lazer, convívio e socialização.

Os espaços da escola deveriam dar condições para estimular as capacidades físicas (força, velocidade, flexibilidade, destreza, entre outras) e promover as habilidades motoras (correr, saltar, chutar, pular, arremessar, receber, driblar, quicar, entre outras) dos alunos, e também favorecer as relações pautadas nos valores éticos e sociais que podem se estabelecer nestes espaços. Esta preocupação não se limita somente aos espaços externos, mas também aos outros espaços aos quais as crianças têm acesso, tais como sala de aula, corredores, áreas cobertas, áreas de circulação e espaços utilitários (banheiros, lavatórios e refeitório). Estes também fazem parte do universo de espaços que as crianças utilizam no dia a dia do NEI.

A criança identifica-se com o espaço por elementos de sua cultura, por experiências gratificantes ali acontecidas e pela troca com outros sujeitos que compartilham o espaço.

Surge então a apropriação do espaço, que é um dos conceitos chaves da Psicologia Ambiental, que busca estudar as espacialidades e as relações que podem se estabelecer entre o espaço e o sujeito que o vive, sendo um objeto de estudo dessa linha da psicologia.

Segundo os vários autores da Psicologia Ambiental, a apropriação do espaço é um processo que se constrói nas etapas de identificação, sentimento de pertença, personificação, cultivação e sentimento de defesa (PROSHASKY, 1978; POL, 1996; SANSSOT, 1996; ITTELSON et al. (2005); GONÇALVES, 2007).

Os espaços da escola não contribuem para com o processo de sua apropriação quando estes ambientes são estáticos, sem plasticidade, ou seja, flexibilidade espacial, sem a intervenção dos que o ocupam (POL, 1996). Para Pol (1996) quando as salas de aulas possuem carteiras enfileiradas, paredes frias, decoradas apenas com mapas, sem os desenhos e trabalhos dos alunos as decorando, têm o espaço não apropriante, pouco atrativo. O que o autor quer demonstrar é que o espaço escolar também faz parte do processo pedagógico, uma vez que vai influenciar na atenção, na percepção, na alegria, no prazer, na criatividade, na concentração e na aprendizagem dos alunos.

Segundo as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil”, a organização do espaço, do tempo e dos materiais nas instituições de educação infantil, que atendem crianças em idade de 0 a 6 anos, deve prever condições para o pleno desenvolvimento do trabalho coletivo e assegurar o melhor aproveitamento do espaço e do tempo neste tipo de espaço escolar (BRASIL, 2010). Mais especificamente:

- ✓ A educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;
- ✓ A indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;
- ✓ A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização;
- ✓ O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade;
- ✓ O reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;
- ✓ Os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição;
- ✓ A acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação;
- ✓ A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América (BRASIL, 2010, p. 19-20).

Pinto (2003), em seu estudo sobre a condição social do brincar na escola, partindo do ponto de vista da criança, afirma que quando a criança não participa da organização do tempo e do espaço da escola, pode dificultar a sua apropriação, e até influenciar o seu comportamento expressivo-motor, cognitivo, afetivo, ético e estético. A autora afirma:

As crianças, sendo privadas de participar junto com os adultos da organização do tempo e do espaço de tais instituições, não conseguem se apropriar destes espaços. Tal fato acaba gerando atitudes de indisciplina que buscam expressar o que sentem por não serem respeitadas em seus próprios interesses. Mas o poder dos adultos sobre as crianças, bem como a incapacidade destes em perceber a criança como um sujeito capaz de opinar sobre seus próprios interesses, acaba por oprimí-las a ponto de, na maioria das vezes, conformá-las à situação vigente (PINTO, 2003, p.33).

Segundo Batista (1998), ainda existe no cotidiano da pré-escola uma grande distância entre o que se pretende fazer e o que realmente se realiza. A autora propõe a implementação de uma proposta de caráter educacional-pedagógico. Ou melhor, educacional-pedagógico em um sentido mais amplo, com um planejamento que seja sistematizado pelos profissionais que atuam diretamente com as crianças. Esta proposta viria em contraponto ao caráter assistencialista e à imposição institucional, ou seja, muitas vezes para resolver problemas da escola ou da pré-escola, tanto da estrutura física quanto o pedagógico, seguem-se modelos prontos, não respeitando as crianças como atores sociais e culturais.

Uma destas questões refere-se à rotina, estrutura entendida como sendo gerenciadora do tempo-espaço da creche e, que, muitas vezes, obedece a uma lógica institucionalizada nos padrões da pedagogia escolar que se impõe sobre as crianças e sobre os adultos que vivem grande parte do tempo de suas vidas nesta instituição (BATISTA, 1998, p. 2).

A escola convencional possui regras e horários poucos flexíveis que sob o ponto de vista da autora, não deveriam ser copiados pela pré-escola. Os horários sistematizados pelos adultos cerceiam o desenvolvimento das crianças, pois as mesmas não têm escolha do que fazer, seguindo regras pré-estabelecidas. Isto dificulta o desenvolvimento das crianças, que não tem liberdade de escolha em suas atividades. Esta rotina pré-estabelecida facilita o trabalho dos adultos que preveem o que fazer. Contudo, segundo Batista (1998, p. 13), “[...] a dinâmica do cotidiano infantil não cabe dentro de uma temporalidade estreita [...]”, uma vez que as crianças possuem temporalidades distintas. E o espaço do núcleo reproduz o padrão do modelo escolar.

A autora salienta que os horários são organizados pelos adultos. Em sua opinião, deveriam ser organizados para os sujeitos-crianças e não sujeitos-alunos, quer dizer, antes de serem tratados como alunos deveriam ser tratados como crianças, uma vez que cada criança

possui um tempo diferente e os profissionais que atendem estas crianças não possuem alternativas se não seguir as regras, causando angústia, desânimo e conformismo, tanto para as crianças como para os profissionais que atuam diretamente junto a elas.

O espaço é uma categoria abstrata e é problematizado por várias áreas da ciência; este não pode ser separado da sua relação com o tempo. Bergson (apud MASSEY, 2008) coloca que o espaço é definido como a dimensão da divisibilidade quantitativa, divisível, e que pode ser percorrido. Ou seja, percebemos o espaço porque ocupamos e utilizamos nossos sentidos para percebê-lo, usá-lo e explorá-lo. Assim, o espaço da escola pode ser definido como físico e extremamente dinâmico na medida em que este é explorado e ocupado por aqueles que nele produzem movimentos em sua utilização. A questão, segundo Massey (2008), é compreender o espaço como uma produção contínua de eventos que são realizados pelos sujeitos que o utilizam. Segundo Pol (1996), os sujeitos também se produzem no espaço, conforme as relações que estes têm com o mesmo; para o espaço ser apropriado, ele deve oferecer atrativo e elementos de identificação.

Os espaços do NEI “Meu Primeiro Passo” nem sempre proporcionam a interação e principalmente a apropriação pelos alunos. Esse problema é devido, em grande parte, ao pouco espaço físico que o núcleo possui, à forma como este é organizado, e à rotina pouco flexível do mesmo: salas de aula muito pequenas, banheiros não adaptados, parquinho pequeno e com obstáculos (plantas, vasos, desníveis, depósitos, horta, caixa de areia, entres outros), e uma reduzida área para brincadeiras e para a prática da Educação Física. Percebe-se que o NEI também tem outros problemas de ordem estrutural, utilitária e funcional. Muitos dos móveis e utensílios, tais como bebedouros, pias, porta-copo, bancos e armários, não são adequados ou adaptados à faixa etária dos alunos, sem contar a existência de degraus e o tipo de piso, cerâmico, impróprio para a prática das aulas. O fato de ser pequeno proporciona poucas paredes para expor os trabalhos dos alunos. A pouca ventilação também é um fator agravante, principalmente nos dias de calor.

Embora o trabalho pedagógico e social desenvolvido no Núcleo pelos profissionais que ali atuam tente minimizar os problemas físicos e estruturais, não consegue sanar todas as dificuldades enfrentadas pelos alunos que o frequentam. Os espaços externos (pátios) são pequenos e recortados, e podem não ser atrativos para as crianças, uma vez que possuem poucos mobiliários lúdicos. Outra questão seria em relação à falta de um planejamento do espaço e quanto à sua utilização, tanto nos espaços internos quanto nos espaços externos.

O contexto físico se constitui em espacialidades onde ocorrem as interações e as relações sociais. Nessa perspectiva, a construção da identidade social tem como cenário o

lugar e os ambientes que propiciam relações e interações positivas entre as pessoas. Para Gonçalves (2007), o espaço é diferente de lugar. O lugar é o entorno da pessoa, enquanto que o espaço tem um sentido bem mais amplo. Os lugares são pontos ou demarcações do espaço onde as pessoas dão sentido às coisas e constroem sua própria identidade. Esta, por sua vez, compõe-se de várias dimensões e uma delas é a identidade de lugar. A identidade de lugar, segundo a geografia cultural, é dada pela relação das pessoas com os lugares com o qual constroem sentidos e significados que marcam por toda vida, onde os espaços transformam-se em lugares que transmitem segurança, estabilidade, proximidade e conforto (TUAN, 1983).

A forma e a configuração do espaço influenciam nos processos psicológicos que podem integrar ou desintegrar a subjetividade (GONÇALVES, 2007), pois é no contexto espacial que o sujeito encontra o outro, sem o qual não constrói a sua identidade. Segundo Safra (2004), a pessoa humana realiza-se somente com outras pessoas, ou, como diz Damergian (2001), o social é internalizado pelo sujeito. Nesse sentido é que o outro é a condição fundamental para que o sujeito se veja enquanto tal.

Com isso, queremos salientar que tanto o processo de formação da subjetividade quanto o processo de formação da identidade necessitam do outro real ou simbólico. Para Gonçalves (2010), esse outro é encontrado nas espacialidades, demonstrando a relevante importância do espaço escolar e no contexto da pré-escola. A formação da identidade pode se dar em várias dimensões: a identidade do eu, segundo a Psicologia (DAMERGIAN, 2001); a identidade de papéis, segundo a Sociologia (CASTELLS, 2000); a identidade cultural (CLAVAL, 2001; HALL, 2005); a identidade de projeto, segundo a Sociologia (FOLLMANN, 2001); e a identidade de lugar, segundo a Psicologia Ambiental (CLAVAL, 2001; GONÇALVES, 2010).

Com esta pesquisa, pretendemos propor, a partir dos resultados, atitudes proativas para dirimir os obstáculos à apropriação dos espaços do NEI Meu Primeiro Passo, levando a um melhor aproveitamento dos espaços em seus aspectos temporais e espaciais, e tornando o núcleo mais conduzivo ao seu objeto-fim, que é a formação integral das suas crianças.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender o processo de apropriação do espaço escolar na pré-escola por crianças de 4 a 6 anos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- ✓ Identificar os espaços individuais e grupais apropriados e não apropriados pelos alunos;
- ✓ Identificar os modos com que os alunos se apropriam dos espaços;
- ✓ Buscar os sinais de identificação, personificação e cultivação do espaço pelos alunos;
- ✓ Identificar a forma com que os alunos percebem o espaço do NEI, bem como a de uma professora e de uma monitora em relação às espacialidades e o processo de apropriação dos espaços.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 MEMÓRIA E CONVÍVIO

Memória e convívio fazem parte da história humana: mesmo depois de adultos trazemos em nosso imaginário as lembranças dos gostos, dos odores, das paisagens e das experiências de nossa infância (VALADARES, 2000). Estas experiências da infância estão repletas de relações e inter-relações que se estabelecem entre o sujeito com o grupo social ao qual pertence e com os lugares nos quais essas relações ocorrem, tornando-se únicas e individuais a cada um. Essas relações que se estabelecem entre as pessoas e os lugares é que tornam a pessoa singular e única e contribuem para construir a individualidade humana (FERNANDES, 2006).

Nesta perspectiva, os lugares e as experiências têm importância significativa no processo de construção da identidade. É esta, por sua vez, que contribui para a construção da subjetividade do sujeito.

[...] a construção social da subjetividade não pressupõe um engessamento do indivíduo ao seu meio, mas sim a capacidade dele se diferenciar, individualizar-se a partir dessa interdependência com os demais seres (FERNANDES, 2006, p. 11).

Günter et al. (2003) coloca que a identidade se constitui não somente nas relações sociais mas também nas inter-relações que estabelecemos com os lugares que se tornam significativos em nossa vida. Desta forma, o ambiente físico se constitui parte integrante do desenvolvimento do ser humano; e os lugares também são fundamentais na formação da nossa identidade, ou seja, e da nossa subjetividade.

As experiências da infância estão vivas na memória do pesquisador, pois ainda hoje as lembranças do jardim de infância que frequentou no distrito de Guatá, em Lauro Müller, Santa Catarina, despertam sentimentos. Lembra-se do sabor do achocolatado com leite, da lancheira vermelha de plástico em formato de elefante e da jardineira tipo macacão que usou com camisa branca. Foi um espaço onde recebeu carinho das professoras e passou momentos alegres e cheios de brincadeiras (Figura 1). Mais tarde, ao iniciar na primeira série, na Escola Isolada Travessão de Linha Anta, no bairro Demboski, em Criciúma, Santa Catarina, foi revivida em sua memória a lembrança da “Escolinha” de madeira, com sua única sala de aula e suas carteiras duplas, abrigando duas séries ao mesmo tempo; do pátio de chão batido, e das

brincadeiras no intervalo do recreio no pasto¹ do vizinho, onde jogávamos bola em meio a animais domésticos. Mais uma vez, as memórias desses momentos permanecem vivas em sua lembrança, assim como as professoras, as brincadeiras e os colegas de turma com quem teve o prazer de conviver. E principalmente os lugares onde viveu essas lembranças, que é similar ao ambiente-foco desta pesquisa.

Figura 1. Jardim de Infância, Lauro Müller (Guatá), Santa Catarina.



Foto: MARTINS, R. J., 1975.

Tuan (1983), ao escrever sobre “Espaço, Lugar e a Criança”, comenta o quanto são complexos os sentimentos e idéias relacionados ao espaço para a pessoa adulta. E o autor salienta: “... a criança é o pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências” (p. 23). Desta, forma os vários momentos e acontecimentos vividos são importantes. Contudo, para Tuan, as experiências que ocorrem na infância, onde as noções de espaços e de lugares estão envolvidas de emoções sentimentos, marcam por toda vida.

Para a criança pequena, o primeiro espaço que ele conhece é a mãe, pois esta é um “[...] centro de valor, de alimento e de apoio [...] Á medida que a criança cresce vai se apegando a objetos, em lugar de se apegar a pessoas importantes, e finalmente a localidades” (TUAN, 1983, p. 32-33). Mas é no espaço escolar que o entendimento de espaço para a criança se desenvolve (TUAN, 1983). E, desta forma, ao perceber o quanto o espaço escolar é

¹ Pasto: Lugar com vegetação própria para o gado pastar, pastagem.

importante na vida da criança, este o presente trabalho se propõe a estudar, segundo os conceitos da Psicologia Ambiental, as experiências que podem ocorrer neste tipo de espaço.

Ao entender o espaço da escola, as relações, interações e atitudes que ali podem ocorrer é algo fascinante e desafiador. A escola e todo o seu espaço proporcionam momentos únicos e que marcam profundamente os seus alunos e os profissionais que ali trabalham. Segundo a LDB 9394/96, seção II em seu artigo 29, fica estabelecido que a educação infantil seja a primeira etapa da educação básica, e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil aponta metas para o desenvolvimento das crianças, contribuindo para que elas tenham um desenvolvimento integral de suas identidades e sejam capazes de crescer como cidadãs cujos direitos à infância sejam reconhecidos (BRASIL, 1998). Esse referencial curricular pretende direcionar atividades que têm por objetivo a construção de uma subjetividade integrada das crianças, reconhecendo-as como cidadãs.

A subjetividade do ser humano se dá não simplesmente quando ele se adapta ou introjeta o ambiente, mas quando ele expressa sua individualidade e aquilo que lhe é oferecido ou dado como possibilidade, dentro do seu contexto histórico e social. A subjetividade é um processo complexo e possui vários mecanismos em sua formação, portanto, um só aspecto seria insuficiente para expressar a sua totalidade. Para Damergian (2001), a construção da subjetividade se dá através do caminho da identidade do eu, onde as interações sócio-físicas são determinantes. A subjetividade torna-se o nosso mundo interno, o nosso espaço psíquico, onde acontecem as emoções, os sentimentos e também as percepções, a imaginação e a memória na dialética que o sujeito estabelece com o mundo que o cerca (GONÇALVES, 2009). Nessa relação que o ser humano estabelece com o mundo, podemos identificar cinco mecanismos psicológicos que determinam a subjetividade: o cognitivo, o interativo, o afetivo, o simbólico e o estético (POL, 1996; DAMERGIAN, 2001; GONÇALVES, 2007).

O cognitivo é orientado pela construção das diferentes linguagens que o sujeito estabelece quando em contato com o meio sócio cultural em que vive, através dos sentidos (TUAN, 1983). Já para Damergian (2001), o cognitivo e o intelecto estão ligados à razão e aos mecanismos racionais.

O interativo é a ação na qual o ser humano estabelece a transformação ativa do ambiente, no tempo e no espaço, atribuindo-lhe significados em um processo de interação contínua (POL, 1996).

O afetivo é construído pelas relações emocionais que se estabelecem com as pessoas que nos cercam. Segundo Damergian (2001), esses laços afetivos ocorrem ainda na vida intrauterina entre a mãe e seu bebê, e ao longo da vida através de pessoas com as quais convivemos. O afetivo é pulsão motivadora que vai integrar a subjetividade.

O simbólico, segundo Pol (1996), se dá na criação e no surgimento de um universo de significados que construímos e que constitui a cultura e o entorno do sujeito, em sua realidade sociocultural. É a capacidade humana de dar sentido às coisas.

O estético é a dimensão mais aprimorada do ser humano. Está ligado à transcendência, aos bens imateriais, à apreciação daquilo que alimenta o espírito (BACHELARD, 1998 a, b). A arte e o belo estão ligados à dimensão estética, mas a estética não pode se reduzir ao definir o que é belo. Gonçalves (2007) traduz o elemento estético como a poética capturada involuntariamente no momento de êxtase, recheado de vida e de emoção, remetendo a humanidade. A autora afirma:

A poética seria uma dimensão humana comum a todos os homens em que a pessoa transcende a própria história e o próprio tempo. [...] O tempo é conduzido pelo objeto estético, capturado na obra estética, quer dizer, a captura poética é involuntária. O sujeito entra em estado poético, na maioria das vezes, sem ter consciência do mesmo (Gonçalves 2007, p.39).

As instituições responsáveis pela educação infantil são, por excelência, espaços que devem fortalecer a construção de uma subjetividade que contemple as cinco dimensões do campo psicológico em seu processo educativo. O referencial curricular para a educação infantil acrescenta:

O trabalho educativo pode, assim, criar condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, idéias, costumes e papéis sociais. A instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas (BRASIL, 1998, p. 11).

O ser humano dialoga com o ambiente, e sua subjetividade vai se construindo através dos cinco mecanismos psicológicos anteriormente citados. E é neste ponto que a Psicologia Ambiental vem para contribuir no entendimento deste processo. Pesquisar o espaço da escola na primeira etapa da educação básica, a pré-escola, abordando a Psicologia Ambiental, é a motivação que levou a este estudo, que busca entender os processos de apropriação do espaço escolar na fase inicial do educando, quando ele dá os seus primeiros passos na vida educacional.

A Psicologia Ambiental vem, com suas teorias, contribuir para o entendimento da relação do homem com seu ambiente sócio-físico. Quando o espaço é apropriado, podem-se identificar elementos cognitivos, interativos, afetivos, simbólicos e estéticos que efetivam essa apropriação, através de comportamentos, atitudes e transformações que os sujeitos apresentam frente a este espaço. Segundo Gonçalves (2009), o debate atual da Psicologia Ambiental postula que a construção da identidade social tem como cenário o lugar e os ambientes, que propiciam relações e interações entre as pessoas e seus entornos sócio-físicos.

2.2 A PSICOLOGIA AMBIENTAL E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

Segundo Tassara e Rabinovich (2003), os estudos em Psicologia Ambiental são relativamente recentes, tendo um grande desenvolvimento entre os anos de 1967 a 1973, e sempre estiveram ligados às demandas sociais. Na Europa, a Psicologia Ambiental esteve ligada às questões arquiteturais e ao planejamento urbano após a II Guerra Mundial, preocupada com a reconstrução e o planejamento arquitetônico e urbano das cidades devastadas pela guerra.

Já nos Estados Unidos da América, inicialmente surge com Kurt Lewin, que traz da Europa o conceito de *Behavior Setting*, de Roger Barker que, devido às características sociopolíticas americanas, centralizou suas pesquisas no indivíduo, preocupada com o padrão comportamental das pessoas frente aos ambientes (TASSARA; RABINOVICH, 2003). Mas foi dentro da Escola de Chicago que a Psicologia Ambiental ganhou força, quando foi chamada pela arquitetura para resolver as questões de moradias dos órfãos e mutilados da II guerra mundial.

No Brasil, os estudos em Psicologia Ambiental são iniciados por Maria do Carmo Guedes, na década de 1960, participando do planejamento de cidades, que buscava utilizar seus estudos para preparar o Brasil do futuro (TASSARA; RABINOVICH, 2003). Gonçalves (2007) considera que no Brasil a Psicologia Ambiental trilha seus caminhos com influência tanto anglo-americana quanto européia: a primeira relacionada à Psicologia Comportamental e Experimental, e a segunda com a Psicologia Social.

A Psicologia Ambiental tem como natureza a interdisciplinaridade, e sempre esteve ligada às demandas sociais, na Arquitetura, na Psicologia e nos movimentos ambientalistas. Atualmente está presente na Educação Ambiental, e busca uma identidade própria (TASSARA; RABINOVICH, 2003). Pesquisadores perguntam-se: para que e a quem serve a

Psicologia Ambiental? De certa forma, na atualidade a Psicologia Ambiental abre-se em uma nova perspectiva, sem perder a sua origem que é a psicologia, mas com um novo olhar que é o epistemológico e o hermenêutico.

Epistemológico no sentido em que a Psicologia Ambiental sempre se baseia em estudos e conhecimentos anteriores e está em constante evolução. Isto significa estabelecer uma dialética entre variáveis experimentais e substituir saberes ditos estáticos e fechados, por conhecimentos abertos e dinâmicos (GOMES, OLIVEIRA, 2007, p. 97). E o hermenêutico, na busca de novos entendimentos e interpretações confirmando a Psicologia Ambiental como ciência.

Para Pinheiro e colaboradores (2004, p. 7), a Psicologia Ambiental é uma área da Psicologia que “[...] estuda o homem em seu contexto físico e social”. Os autores acrescentam que, além das relações nestes contextos, procura-se entender as percepções, as atitudes e as representações das pessoas frente aos ambientes, e salientam:

A Psicologia Ambiental se interessa pelos efeitos das condições do ambiente sobre os comportamentos individuais tanto quanto como o indivíduo percebe e atua em seu entorno. Os efeitos destes fatores, físicos e sociais, estão associados à percepção que se tem deles, e, neste sentido, estudam-se as interações. Tem sido considerada como a Psicologia do Espaço, analisando percepções, atitudes e comportamentos de indivíduos e comunidades em estreitas relações como o contexto físico e social (PINHEIRO; GÜNTHER; GUZZO, 2004, p. 7-8).

Para Gonçalves (2004), a Psicologia Ambiental estuda e procura entender os significados simbólicos e os processos psicossociais que o indivíduo ou os grupos sociais têm com seu entorno. A autora destaca que a apropriação do espaço é um objeto de estudo dentro da Psicologia Ambiental, já que existe uma dialética entre o sujeito e seu entorno físico. E a autora salienta: “O processo de apropriação tem uma dinâmica em dois sentidos: um dirigido para a conquista do espaço, outro para si. Isso implica o sujeito adaptar um espaço as suas próprias necessidades, dar-lhe característica própria (GONÇALVES, 2007, p. 27)”. Gonçalves (2004, p. 17) define a Psicologia Ambiental como sendo “[...] a disciplina que se ocupa de analisar as relações que, em nível psicológico, se estabelecem entre as pessoas e seus entornos”.

Para os autores, entender a noção de espaços e de lugares pelas pessoas é fundamental para o entendimento das relações que ocorrem entre eles. Por isso as áreas como Arquitetura, Planejamento Urbano, Geografia Humana/Social, Ergonomia, Educação Ambiental, entre outras, acabam por se utilizar da Psicologia Ambiental para responder os seus anseios.

Castillo (2005), por sua vez, a apresenta como uma área da Psicologia que tenta explicar os comportamentos das pessoas, das comunidades e das instituições frente às relações e interações que podem se estabelecer entre estes e o seu entorno, tanto natural quanto cultural. Estes elementos podem ser identificados através de observações e nas confrontações dos saberes interdisciplinar. O autor acrescenta:

La Psicología Ambiental se vale de los conocimientos teóricos y prácticos propios de la ciencia psicológica, asociados a los aportados por la Sociología, Antropología y las ciencias de la Salud, Económicas y Jurídicas, para comprender las estrategias que utiliza el hombre en su afán por imponerse al entorno natural y recrear permanentemente el medio cultural (CASTILLO, 2005, p. 36).

Como ressaltado pelos autores citados, a Psicologia Ambiental poder ser considerada uma área ou uma disciplina que está ligada à Psicologia e que tem como característica a interdisciplinaridade. E é um campo rico de pesquisas e que dialoga com todas as áreas do conhecimento, preocupadas com a relação do homem frente ao ambiente e vice-versa.

Na Psicologia Ambiental há a constante busca do entendimento da relação do homem com o meio em que vive, seja ele natural ou construído. E é uma ciência bastante útil, que pode contribuir em muito para o planejamento e gestão do meio ambiente, e para o estudo da apropriação do espaço, uma ferramenta que auxilia o entendimento da relação que se estabelece entre o sujeito e seu meio e vice-versa. “Nos apropiamos del espacio, pero el espacio se apropia de nosotros.” (POL, 1996, p. 48). O processo de apropriação é dinâmico, individual, temporal, espacial, social e cultural. Ele é influenciado pela adaptação do sujeito com o meio ambiente, e é movido pela sua subjetividade.

Pol (1996) apresenta um modelo com os principais componentes conceituais referentes à apropriação do espaço pelo ser humano. Um deles seria a ação de transformar o seu território. E este território é definido como um espaço na qual o ser humano possui um forte apego, apropriação, promovendo atitudes de conservação e de proteção deste ambiente (POL, 1996). O processo de apropriação não ocorre somente de forma instintiva, mas também por uma sofisticada relação comportamental, com vontade própria e intencional. Outra seria a identificação, que é um componente simbólico. Este é de caráter subjetivo, que envolve os processos simbólicos (significados), afetivos (bem-estar), cognitivos e interativos (personalização, adaptação), definindo o lugar.

Tanto o componente comportamental (ação-transformação) quanto o simbólico (identificação) apresentam algumas condutas que fazem parte do processo de apropriação. Na primeira fase, existe uma expectativa quanto à modificação do espaço, pois o mesmo será

dotado de significação para o sujeito, seja ela compartilhada ou não com a coletividade. Na segunda fase, tanto o sujeito quanto a coletividade identificam-se com a nova significação, protegendo-a e a adotando. Ou seja, no processo de apropriação existe uma sequência de eventos que vão tornando este processo efetivo. No espaço escolar, por ser um espaço público e não privado, a identificação aparece como primeiro componente do processo de apropriação, pois a ação-transformação nem sempre ocorre de forma concreta e sim de forma simbólica.

Quando o espaço é apropriado, ele pode se tornar agradável, envolvente e harmonioso, e influenciando todos os que o utilizam, estimulando comportamentos e sentimentos que caracterizam o processo de apropriação, tanto de forma positiva quanto negativa. Segundo Gonçalves (2010), no processo de apropriação do espaço podem-se evidenciar elementos que caracterizam que o espaço foi apropriado. Os elementos que confirmam a apropriação do espaço são (Figura 2):

- ✓ A Identificação que, segundo Pol (1996) e Proshasky (1978), é um componente do processo de apropriação do espaço que se efetiva pelo cognitivo, simbólico, afetivo, interativo e estético, implicando na posse real ou simbólica do espaço.

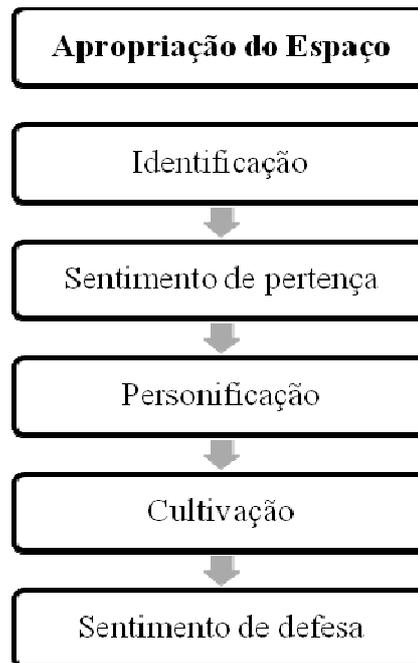
- ✓ O sentimento de pertença, que é o de sentir-se pertencente ao lugar. Este pertencimento é mobilizado por sentimentos afetivos, simbólicos e de posse real ou simbólica do lugar (GONÇALVES, 2007). O sentimento de pertença também pode ser entendido quando o sujeito passa a direcionar ao lugar forte atenção garantindo a sustentabilidade ambiental e satisfazendo suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais, confirmando sua própria identidade.

- ✓ A personificação é a transformação intencional do espaço, onde o sujeito deixa suas marcas, moldando-o as suas necessidades e desejos (SANSOT, 1996).

- ✓ A cultivação que, segundo Gonçalves (2007), decorre do sentimento de pertença e da identificação com o lugar. Isto ocorre quando o indivíduo cuida, preserva o espaço, tornando-o aconchegante às suas necessidades.

- ✓ E, o sentimento de defesa, que se dá quando o sujeito defende o seu espaço, assim como os animais defendem o seu território, o ser humano assim o faz, contudo, de uma forma bem mais sofisticada, devido a aprendizagem cultural e social, permitindo a utilização do seu território para usos e objetivos simbólicos (POL, 1996).

Figura 2. Esquema representativo do processo de apropriação do espaço.



A apropriação pode ocorrer tanto por espaços privados ou espaços públicos, ambos possuem um processo similar; contudo, existem ênfases distintas entre os componentes propostos por Pol (ação-transformação e identificação). No espaço privado, a ação-transformação se destaca, já que o sujeito pode intervir no espaço, enquanto que no espaço público, a identificação aparece em primeiro plano em relação à ação-transformação, porque o sujeito não pode intervir no espaço, transformando-o conforme seus desejos. Contudo, o espaço público é o lugar onde ocorrem as interações sociais, ou seja, o chão da cidadania, confirmando o componente citado por Pol, a identificação.

Para Jacobs (2003), o planejamento e os desenhos urbanos devem levar em conta as bases culturais de seus moradores, a sua identidade. Pois há necessidade de vida informal nos espaços públicos como nas ruas, calçadas, praças e parques. Segundo Gonçalves (2009), é no espaço urbano que se constrói subjetividade de um ser chamado de urbano. Nele se faz a cidade para os cidadãos, no dizer da autora “*ser urbano*”, ou seja, aquele que possui urbanidade.

A apropriação pode ocorrer tanto individualmente quanto de forma coletiva. Isto se dá porque nos apropriamos daquilo com o que nos identificamos, e esta identificação pode ocorrer por vários sujeitos um grupo social (POL, 1996). Ela é um processo transformador, no qual nossa vontade e desejos são realizados e influenciam na ecologia do ambiente. Para isso, utilizamos os nossos sentidos, a nossa inteligência e a ação física sobre o mesmo; assim, o espaço pode ser reapropriado repetidamente, conforme nossos desejos de mudanças e de

familiaridade com o espaço. O espaço, portanto, não é um vazio para ser ocupado em horários pré-estabelecidos. No espaço sempre há um processo de interação entre as pessoas, onde elas transformam este em lugares, e nestes lugares é que ocorrem trocas com o outro, construindo assim a própria identidade. Daí resulta a afirmação de Pol (1996, p. 50): “[...] no hay intimidad si no hay interacción.”

O espaço apropriado torna-se lugar, torna-se apropriante e acaba identificando o sujeito que o habita, projetando o seu estilo de vida, tornando-se uma extensão da própria identidade. A apropriação é um processo espontâneo, natural e intencional. Contudo, o espaço pode facilitar ou dificultar a sua apropriação, dependendo do seu grau de rigidez ou de flexibilidade.

Para Mourão e Cavalcante (2006), a formação da identidade dos sujeitos se dá pelas relações familiares e sociais, através dos processos de pertencimento ao lugar e pela apropriação do espaço. Os autores apresentam a apropriação do espaço como a significação com o mesmo, ou seja:

Um processo essencial para que alguém se sinta identificado ou pertencente a um entorno é o que se entende por apropriação. Na apropriação, o sujeito interage dialeticamente com o entorno, o que resulta numa transformação mútua (MOURÃO; CAVALCANTE, 2006, p.145).

E acrescentam que as ações sobre o espaço não se constituem, portanto, somente em atos cognitivos ou materiais, mas em atos de investimento emocional, momento em que o agir e o sentir encontram-se em plena sintonia (MOURÃO, CAVALCANTE, 2006).

2.3 O ESPAÇO ESCOLAR E SUA APROPRIAÇÃO NA PRÉ-ESCOLA

No Brasil o atendimento em creches e pré-escolas se torna um direito social das crianças que se afirma na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado. Entretanto, este nível de ensino, fica sob a responsabilidade dos municípios (BRASIL, 2010). O termo creche é usado no Brasil para se referir especificamente a um serviço de atendimento a crianças de 0 a 3 anos, e pré-escola, para crianças de 4 a 6 anos. Estes são os dois tipos de serviço de Educação Infantil que constam na Lei de Diretrizes e Bases da Educação promulgada em 1996 (BRASIL, 2009).

Ao tratarmos dos espaços escolares da Educação Infantil, estes nem sempre são edificados e planejados para esta função. Em vários casos, ocorre a adaptação de residências

comuns para atender à demanda. A falta de planejamento ou de conhecimento por parte dos gestores, arquitetos e engenheiros pode ser um agravante. Outro agravante apontado pelo Grupo Ambiente-Educação (GAE) são as desigualdades históricas das Políticas para a Infância no Brasil (BRASIL, 2004). Essas desigualdades geraram a precariedade das instalações das unidades de educação infantil no país.

Para Souza (2002), o planejamento e a gestão dos espaços devem superar os problemas sociais, as desigualdades e buscar a melhoria da qualidade de vida dos que vão utilizar esses espaços. Gonçalves (2009) por sua vez, apresenta que “[...] a conservação e a sustentabilidade urbana devem fazer parte de um projeto socialmente construído [...]” (p. 116), ou seja, tanto no processo de gestão quanto no planejamento dos ambientes devem-se buscar conhecimentos que levem à melhoria da qualidade de vida dos sujeitos e que minimizem as desigualdades sociais. E estes deveriam ser a um fator determinante na gestão e no planejamento do espaço escolar da Educação Infantil.

Pol (1996) coloca que a construção do espaço escolar deve prever materiais que atenuem o ruído, usem cores alegres e texturas cálidas, que sejam facilmente limpas e resistentes a desgastes e ao uso constante. Quanto à decoração, o autor propõe leveza, plasticidade e que seja facilmente transformável, para que durante o processo de uso do espaço ele não se deteriore. O padrão de infraestrutura para o espaço físico destinado à educação infantil segue as políticas públicas para a arquitetura escolar, que se preocupa em sistematizar os conceitos e as estratégias de projetos das edificações escolares (BRASIL, 2004). Porém esta política não é clara quanto ao espaço físico ideal. O que está previsto na legislação (Artigo 90 da Lei nº 9.394/96) são na verdade apenas parâmetros. Entre estes se destacam as “Diretrizes Operacionais para a Educação Infantil de 2000”, item 4, que define os “Espaços Físicos e Recursos Materiais para a Educação Infantil”, que seguem:

- a) Os espaços físicos das instituições de educação infantil deverão ser coerentes com sua proposta pedagógica, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais, e com as normas prescritas pela legislação pertinente, referentes a: localização, acesso, segurança, meio ambiente, salubridade, saneamento, higiene, tamanho, luminosidade, ventilação e temperatura, de acordo com a diversidade climática regional.
- b) As normas devem prever ainda o número de professores por criança, dependendo de sua faixa etária, entre 0 e 6 anos de idade, em consonância com o artigo 25 da LDB/96.
- c) Os espaços internos e externos deverão atender às diferentes funções da instituição de educação infantil, contemplando:

- Ventilação, temperatura, iluminação, tamanho suficiente, mobiliário e equipamentos adequados;
- Instalações e equipamentos para o preparo de alimentos que atendam às exigências de nutrição, saúde, higiene e segurança, nos casos de oferecimento de refeição;
- Instalações sanitárias suficientes e próprias para uso exclusivo das crianças;
- Local para área livre para movimentação das crianças e espaço para tomar sol e brincadeiras ao ar livre;
- Brinquedos e materiais pedagógicos para espaços externos e internos dispostos de modo a garantir a segurança e autonomia da criança e como suporte de outras ações intencionais;
- Recursos materiais adequados às diferentes faixas etárias, à quantidade de crianças atendendo aspectos de segurança, higienização, manutenção e conservação.

Como se observa nestas diretrizes, a área que deve ser destinada por criança na pré-escola não está especificada. Pelo contrário, a lei deixa em aberto o ajuste dessa área às peculiaridades locais e aos Conselhos Municipais de Educação. Um estudo constante do “Relatório de Avaliação, da Política de Educação no Brasil”, feito pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (BRASIL, 2009), apresenta como observações finais e recomenda:

A melhoria quantitativa geral do acesso à educação infantil no Brasil não tem sido muito expressiva. A situação pode mudar, pelo menos para crianças de 4 a 6 anos, quando o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento e de valorização dos Profissionais da educação Básica (FUNDEB) estiver vigorando. Porém, mesmo com o FUNDEB, persistirão os entraves para as crianças de 0 a 3 anos. [...] Existem vários tipos e tamanhos de creches. Buscar a regulamentação da qualidade seria um modo bem mais eficiente de integrá-las do que insistir em um modelo único de operação e gestão. Diversificar o funcionamento dos serviços significa ampliar as possibilidades de atendimento das diferentes necessidades dos pais, o que pode, por sua vez, aumentar o acesso (BRASIL, 2009, p.73).

É evidente que houve um grande avanço nas políticas públicas brasileiras no que tange à Educação Infantil, contudo ainda existe um abismo entre as discussões presentes na Arquitetura Escolar e a realidade concreta das edificações, especialmente as destinadas à pré-escola. Gonçalves (2007) enfoca que o espaço escolar pode favorecer sensações de liberdade ou opressão, e expressar sentimentos de alegria ou de indiferença. A sua configuração pode

tornar o ambiente estimulador e aguçar a criatividade de seus alunos, influenciando diretamente na disposição e no interesse dos mesmos.

Quando tratamos de elementos construtivos que configuram o espaço escolar e que, de uma maneira ou de outra, contribuem no processo de utilização do espaço, Pol (1996) lembra a importância de adaptar o espaço aos seus usuários. Ou seja, configurar o espaço às necessidades e à faixa etária dos que o utilizam. Souza (2005), ao estudar a interação de crianças em pátios escolares, salienta a importância de ouvir as crianças sobre a utilização do espaço e o tempo necessário para fazê-lo. Para Lima (1995), é importante proporcionar conforto nos ambientes escolares construídos, pois desta forma despertará alegria e bem estar para os que vão utilizar, influenciando positivamente no desenvolvimento psicológico dos mesmos.

Por isso, planejar e adaptar os espaços escolares deve também levar em consideração seus elementos utilitários, funcionais e decorativos, favorecendo, desta forma, a utilização e, ao mesmo tempo, protegendo a integridade física das crianças e, se possível, atender todos os sujeitos que vão utilizar estes espaços. Quando se trata de elementos estruturais, deve-se considerar que os espaços sejam amplos e arejados, obedecendo às normas que regulamentam o número de alunos por metro quadrado de área, tanto em espaços internos como: salas de aula, banheiros, biblioteca, corredores e refeitório, como em espaços externos como: parquinhos, quadras, áreas para recreação e para a prática de Educação Física.

Nos elementos utilitários e funcionais que compõem as salas de aula destacamos: mesas, cadeiras, armários, lousas ou quadros brancos, murais, tapetes e elementos decorativos. Nos corredores o tipo de piso, murais, bebedouros, porta copos e lixeiras, todos adaptados à faixa etária dos alunos. Da mesma forma nos banheiros, lavatórios e vasos sanitários, que devem favorecer o seu uso. Nas áreas externas não é diferente: os brinquedos dos parquinhos, espaços de recreação e de aulas ao ar livre, como por exemplo, aulas de Educação Física, devem estar em áreas com o tipo adequado de piso, e sem obstáculos. Isso sem contar as áreas protegidas de intempéries e seguras, e se possível, com a presença de vegetação que proporcione interação com o meio natural. Além destes elementos estruturais, utilitários, funcionais e decorativos, há outros aspectos implícitos nas edificações dos ambientes construídos, como os elementos estéticos e paisagísticos, que visam ao bem estar das pessoas que vão habitar estes espaços.

Em estudos realizados por Fedrizzi e colaboradores (2003), a presença de vegetação em espaços escolares os torna mais atrativos e agradáveis para seus usuários, agregando

beleza, conforto e apoio ao trabalho de educação ambiental. Moura (2009), ao abordar o espaço escolar no contexto da Educação Infantil, salienta:

O espaço é vida e desafio tanto para o professor quanto para as crianças. Estudá-lo, buscar conhecer seu papel no contexto da educação infantil, é uma necessidade iminente. Conforme concebido e disposto, ele pode ser ou não um ambiente onde a criança pode criar, imaginar e construir. Da mesma forma, ele pode ser ou não, para a criança, um lugar acolhedor e prazeroso onde ela possa brincar e sentir-se estimulada e feliz (MOURA, 2009, p. 141).

A Psicologia Ambiental e a Arquitetura, segundo Elali (1997), são duas áreas da ciência ligadas ao estudo da relação pessoa e o ambiente. Gradualmente, a psicologia ampliou sua área de atuação: do individual para o social e o ambiental, redefinindo e complementando seu objeto de estudo, de modo a abarcar as interações do comportamento x ambiente, buscando o conhecimento mais amplo da realidade por meio de um enfoque ecológico e humanamente consistente. Para Harvey (2006), é importante que se resgate a função ética e social da arquitetura. “[...] o arquiteto molda espaços de modo a lhes conferir utilidade social, bem como significados humanos e estéticos/simbólicos. O arquiteto luta para abrir espaços para novas possibilidades, para futuras formas de vida social” (p. 262). O autor reforça o valor do projeto arquitetônico e da responsabilidade dos arquitetos no ambiente construído e nos espaços planejados que influenciam a vida social dos que vão ocupar estes espaços.

O que a Lei nº 597, de 2007, alterando o artigo 25 da Lei nº 9394/96, determina é o número de alunos por professor, determinando ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, e estabelece parâmetros para atendimento do disposto neste artigo, “observado as dimensões do espaço físico” e que o número de alunos por professor, não ultrapasse:

- I – cinco crianças de até um ano, por adulto, na creche;
- II - oito crianças de um a dois anos, por adulto, na creche;
- III – treze crianças de dois a três anos, por adulto, na creche;
- IV – quinze crianças de três a quatro anos, por adulto, na creche ou pré-escola;
- V – vinte alunos de quatro a cinco anos, por professor, na pré-escola;
- VI – vinte e cinco alunos por professor, nos cinco primeiros anos do ensino fundamental;
- VII – trinta e cinco alunos por professor, nos quatro anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

Elali (2002), ao abordar a apropriação do espaço escolar pelos alunos, afirma que além dos objetivos psicológicos e pedagógicos, a apropriação do espaço escolar sofre

regulação da instituição ao qual está inserido. Esta observação da autora demonstra de certa forma o quanto a instituição escolar, com suas regras e normas, e os profissionais que ali atuam podem interferir no processo de apropriação do espaço por seus alunos. Pois são os gestores e profissionais que atuam neste espaço que vão decidir a forma de gerenciar o ambiente escolar.

No que tange à apropriação do espaço escolar, podemos evidenciar que ele é um espaço público e de uso coletivo, ou seja, espaço de todos, onde os alunos passam grande parte de sua infância. Nele ocorrem vivências, relações e inter-relações que vão marcar profundamente os alunos, que estão em processo de formação. Para os alunos, este é um período transitório, pois à medida que vão crescendo e avançando nas etapas que formam o processo de escolarização, mudam de série (grau), de professor, de sala de aula ou até mesmo de unidade escolar. Isto demonstra como o espaço escolar é dinâmico e transitório para seus alunos.

Ao abordamos a apropriação do espaço escolar, principalmente por crianças da pré-escola, não podemos esquecer que para muitos alunos este é o primeiro momento em que estarão longe do seu ambiente familiar. A pré-escola ou o Jardim de Infância, por mais que tenha atrativos, como parque, brinquedos, amigos e a promessa de muitas brincadeiras e atividades, pode lhes parecer um mundo desconhecido e, às vezes, assustador.

Segundo Damergiam (2001), em uma perspectiva psicanalítica, para a criança em seus primeiros meses de vida basicamente o seu universo é a mãe ou outra pessoa que cumpra este papel, o que a autora chama de “substituta”, aquela pessoa que vai suprir as primeiras necessidades da criança. E é com o foco na mãe que, no processo de desenvolvimento, a criança vai conhecendo o mundo que a cerca. A mãe é para a criança, segundo a autora, o seu “ponto fixo” ou o “objeto bom”. Sendo a mãe a primeira referência para a criança, é através dela que a criança vai criar a noção de espaço, e este espaço amplia-se na medida em que a criança se desenvolve e toma consciência do mundo ao seu redor. Damergiam (2001, p.92) vai mais a fundo e diz que: “Na relação mãe-bebê temos, então, o princípio de todas as trocas e a inserção do social e suas contradições na estruturação da subjetividade.” À medida que a criança cresce e vai tomando consciência e descobrindo o mundo que a cerca, outros atores fazem parte deste mundo. E o mundo não é só formado por pessoas, mas também, por objetos, lugares e espaços. Os móveis, o quarto, a casa, os vizinhos, a rua e o bairro se apresentam como um mundo totalmente novo. Esses elementos são introjetados na subjetividade pelo mecanismo da representação.

Sommer (1990 apud GÜNTHER et al., 2003) destaca: “[...] à medida que as crianças vão se desenvolvendo tornam-se conscientes das oportunidades presentes em vários ambientes para satisfazer suas necessidades pessoais” (p. 32). Por isso, para a criança aos 4 anos de idade, que inicia sua vida letiva, o espaço escolar pode lhe parecer desconhecido e assustador, mas ao mesmo tempo cheio de atrativos e de novas descobertas.

Ao fazermos um paralelo entre as teorias apresentadas por Damergian (2001), a escola vai, de certa forma, cumprir o papel de “mãe”: cuidar e suprir as necessidades de seus alunos no período em que estes estão em seu espaço, em todos os níveis de ensino. Contudo, isto é mais evidente na pré-escola, devido à faixa etária atendida, pois é nesse espaço que ocorrerão os primeiros processos e interações psicossociais característicos do espaço escolar, que podem contribuir para a estruturação da subjetividade. A subjetividade se dá na medida em que o sujeito internaliza as experiências pessoais e sociais, sejam elas ocorridas no seio familiar, no social ou no espaço escolar em seus aspectos cognitivos, simbólicos, interativos, estéticos e afetivos, sendo individual e específica a cada um.

Damergian (2001) argumenta que no primeiro momento a mãe é o “ponto fixo” para o bebê, o objeto bom, quando essa é amada e desejada, que é constituído no ego da criança. Em um segundo momento, a subjetividade vai se formando pelo meio social, nas relações que o sujeito tem com as outras pessoas e com o meio em que vive. Assim como a mãe é o ponto de referências positivas, aquela que é o seio bom, que acolhe e que é boa e supre as angústias e necessidades do bebê, estimulando seu crescimento emocional, podemos também relacionar a “Mãe Sociedade” com seus modelos identificatórios – pessoas ou personalidades que são exemplos positivos – fundamentais na construção de uma subjetividade integrada (DAMERGIAN, 2001).

A valência positiva é considerada uma valência emocional que conduz o indivíduo a agir positivamente diante de uma situação adversa, e que necessita capacidade de resiliência em busca da superação. Esta valência vem do amor, seja ele materno ou de outras pessoas que passam por nossa vida, onde a pulsão de vida estimula um comportamento mais solidário e fraterno. Estes devem ser princípios norteadores da evolução humana. Em um primeiro momento, isto acontece na família, com seus laços afetivos; em um segundo momento, na sociedade, com valores democráticos e igualitários, influenciando na construção de um ego saudável. Para produzirmos esse ego com princípios e valores e exercitar a construção de uma subjetividade saudável, além do amor no seio familiar, deve-se revolucionar o modo de viver em sociedade. Assim também ocorre no espaço escolar, no dizer de Damergian:

O caminho para a mudança passa, também e necessariamente, pela educação: libertária, crítica, revalorizada, a trabalhar sua função transformadora mais intensamente que a conservadora. Aqui também o modelo identificatório, de grande importância pela influência que o professor exerce (ou deve exercer), deve ser de inspiração humanista (2001, p. 115).

Isso mostra a importância que o educador tem na formação da subjetividade de seus alunos, pois ele se torna um modelo a ser seguido por eles. Não que se devam abandonar os conhecimentos teóricos acumulados pela sociedade, que são indispensáveis, mas a educação centrada unicamente na racionalidade e na técnica pode levar o conhecimento a serviço da exploração do outro e a perversão dos valores, pois os ensinamentos transmitidos, segundo Damergian, devem levar o educando a desenvolver os valores humanos. O meio social nos proporciona modelos de identidade, os quais Damergian (2001) denomina de modelos identificatórios. Em primeiro plano a mãe, em segundo os demais como a família, os amigos, os professores e a sociedade. Contudo, hoje em dia, a mídia tem influência muito forte sobre esses modelos, influência que nem sempre é positiva, uma vez que as crianças passam grande parte do seu tempo livre assistindo programas de TV, jogos eletrônicos ou na internet, sem a supervisão adequada de seus pais ou responsáveis, o que pode contribuir de forma negativa na construção da subjetividade.

Lorenzer (apud DAMERGIAN, 2001) diz que a mediação social se dá pela práxis materna, que se pode entender também como a práxis da sociedade em um mundo globalizado. Desta forma, o social – incorporado e introjetado na mediação dos valores que a “Mãe Sociedade” apresenta como valores para a criança – podem ser repetidos pela escola e pelas experiências culturais da mesma. Segundo Damergian (2001), o professor é um modelo identificatório, exercendo grande influência e servindo de inspiração para seus alunos. Isso se reflete não só no comportamento das crianças, mas também no processo de apropriação.

Um fator que, segundo Pol (1996), prejudica o processo de apropriação do espaço escolar é a constante troca de escola, de turmas ou sala de aula, já que isto não permite a criança apropriar-se e se estabilizar em um lugar. A troca constante de professores também é um fator pertinente com relação à apropriação, já que a interação do aluno com o professor é fundamental neste processo. O espaço da escola favorece o aprendizado dos alunos e também influencia os seus comportamentos, desde que seus alunos possam interagir com ele, personalizando-o e recriando-o.

Pol (1996) enfatiza que a escola há muito tempo se utiliza da apropriação do espaço com grande êxito sem se dar conta disso. As crianças se veem projetadas no espaço quando seus desenhos e trabalhos decoram o ambiente; desta forma elas se identificam e se

diferenciam no espaço. A sala de aula estática, austera e com móveis pesados vai ficando no passado. Para o autor, atualmente as escolas são mais flexíveis tanto na sua mobília quanto na sua decoração; nas paredes são expostos os trabalhos dos alunos, e tudo é mudado conforme as necessidades das crianças e das aulas, ou pelo menos deveria ser. O autor coloca que a utilização da apropriação do espaço escolar possui um duplo objetivo: um psicológico e outro pedagógico.

Os efeitos psicológicos da apropriação do espaço escolar reforçam a autoimagem da criança frente a si e diante dos demais colegas, desenvolvendo um sentido social comunitário. Os efeitos pedagógicos da apropriação do espaço escolar desenvolvem o sentido de criação, expõem suas habilidades, o sentido de ordem e os valores estéticos inseridos, que não são outra coisa senão os valores sociais.

Com relação aos hábitos comportamentais, como organização e convivência entre as crianças, estes são moldados principalmente nas atividades informais, quando o aluno tem a responsabilidade pela organização dos espaços individuais e coletivos. Quando a criança participa da organização do espaço, ela se sente responsável e integrada ao mesmo; sente-se pertencente ao grupo, influenciado no desempenho pedagógico e em suas relações pessoais e interpessoais. A apropriação do espaço pelas crianças pode também ocorrer quando as crianças auxiliam na organização e no andamento das aulas.

Para Mourão e Cavalcante (2006), o sujeito é o resultado da sucessão e coexistência de diversos personagens e cenários criados por ele mesmo ao longo da vida. A identidade é um produto da história desses personagens, de suas vidas e suas mortes, numa processualidade e transformação (p.146). Ou seja, a apropriação do espaço escolar na pré-escola não depende exclusivamente dos elementos estruturais e funcionais do ambiente, mas também das relações que se estabelecem entre os atores que compõem o espaço.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Günther (2006) salienta que o pesquisador não deveria escolher como método de pesquisa qualitativa ou quantitativa. E sim, as que mais se adequam ao seu objeto de pesquisa. O autor acrescenta:

Assim como é difícil ser fluente em mais de uma cultura e língua, é igualmente difícil aproximar-se de um tema de pesquisa a partir de paradigmas distintos. [...] Nós ressaltamos, entretanto, que uma abordagem mista não necessariamente implica numa algaravia metodológica. À medida que perguntas de pesquisa frequentemente são multifacetadas, comportam mais de um método (Günther, 2006, p. 207).

Contudo, Günther (2006), reforça que o pesquisador deve ter a sabedoria e competência quanto às condições da pesquisa, métodos e tempo para realizá-la.

A pesquisa qualitativa, segundo Leopardi (2002), baseia-se no fato de que o agir humano, visa a um valor, tem um sentido e por isso ela revela elementos que, em uma pesquisa que se utiliza somente por uso de instrumental estatístico, não seriam revelados.

Segundo Triviños (1987), a pesquisa do tipo exploratória é um tipo de estudo que permite ao pesquisador encontrar elementos, em seu objeto de estudo, que levam aos resultados que deseja, tendo como base o rigor científico; essa pesquisa é pautada em uma teoria fundamentada na literatura, assim como em qualquer estudo científico. Gil (1994, p. 44), por sua vez, diz que as pesquisas exploratórias “[...] envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso”. Este tipo de pesquisa normalmente é menos rígido e proporciona uma visão geral sobre o objeto de estudo, esclarecendo e desenvolvendo conceitos e idéias para estudos mais profundos e sistematizados.

O método científico escolhido para esta pesquisa foi o estudo de caso que, segundo Gil (1987, p.78), “[...] é um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo”. Chizzotti (1991) salienta que os dados obtidos no estudo de caso fundamentam um julgamento fiel do objeto em estudo. O autor divide o desenvolvimento do estudo de caso em três fases:

- i) Seleção e delimitação do caso: o caso deve ser relevante e significativo;
- ii) O trabalho de campo: coletar e documentar as informações;
- iii) Organização e redação do relatório;
- iv) Conclusão.

3.1 LOCUS DA PESQUISA, COLETIVO DA PESQUISA, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1.1 Conhecendo o NEI Meu Primeiro Passo

Para a realização desta pesquisa, o espaço escolar escolhido foi o “Núcleo de Educação Infantil Meu Primeiro Passo”, local de trabalho do pesquisador. O referido NEI está localizado à Rua Síria, 756, no Bairro das Nações, em Balneário Camboriú, Santa Catarina. O NEI Meu Primeiro Passo, anteriormente conhecido como “Creche Municipal Meu Primeiro Passo”, iniciou seus trabalhos em 19 de julho de 1990, sendo seu mantenedor a Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú. A creche estava vinculada à Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Comunitário do município, com a finalidade de atender crianças de zero a 4 anos (Figura 3).

Figura 3. Vista frontal da Creche Meu primeiro Passo.



Foto: Arquivo do NEI, aproximadamente entre 1990 e 1995.

As crianças eram divididas em turmas de Berçário, Maternal I e Maternal II, conforme a faixa etária e em período integral, para que seus pais pudessem trabalhar. A escolha do nome foi para homenagear as crianças que ali iriam dar seus primeiros passos na vida escolar, tendo como principal objetivo o cuidar, proporcionando lazer e diversão. Podemos enfatizar o cuidar, função sócio-comunitária para a qual grande parte das creches era e são criadas (Figura 4).

Figura 4. Vista frontal da Creche Meu primeiro Passo.



Foto: Arquivo do NEI, aproximadamente entre 1995 e 2000.

Nos anos seguintes aos da criação do núcleo, houve grandes mudanças não só no município como em todo o país, principalmente com a criação da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – em 1996. A Lei 9394/96 estabelece pela primeira vez a Educação Infantil como sendo a primeira etapa da Educação Básica. Essas mudanças trazem consigo um novo olhar sobre a Educação Infantil. Elas ocorrem no município através de Decretos e Leis municipais, a partir de 14 de setembro de 2006, quando todas as creches passam a ser chamadas de “Núcleos de Educação Infantil (NEI)”, e ficam sobre o comando da Secretaria de Educação. Cria-se então o NEI “Meu Primeiro Passo” (FIGURA 5).

O termo “creche” fica para trás, assim como a ideia de somente cuidar das crianças para que os pais trabalhassem. Toma vulto a preocupação com o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, numa visão crítica e autônoma, em conjunto com a família. Atualmente o NEI “Meu Primeiro Passo” atende aproximadamente 120 crianças com idade entre 4 e 6 anos, em 10 turmas, divididas em dois turnos: matutino (7:00h às 13:00h) e vespertino (13:00h às 19:00h), sendo cinco turmas de Jardim I e cinco turmas de Jardim II. O núcleo possui cinco salas e 21 funcionários: uma coordenadora, uma secretária, uma especialista responsável pelo apoio pedagógico, cinco professoras de sala, um professor de Educação Física, três monitoras, quatro serventes e quatro cozinheiras (merendeiras).

Figura 5. Vista frontal da Creche e Pré-escola Meu primeiro Passo.



Foto: Arquivo do NEI, aproximadamente entre 2000 e 2005.

O NEI possui uma “visão” e uma “missão”, que estão presentes em seu PPP – Projeto Político Pedagógico – e em um banner fixado em seu hall de entrada (Figura 6).

Figura 6. Banner com a visão e a missão do NEI Meu primeiro Passo.

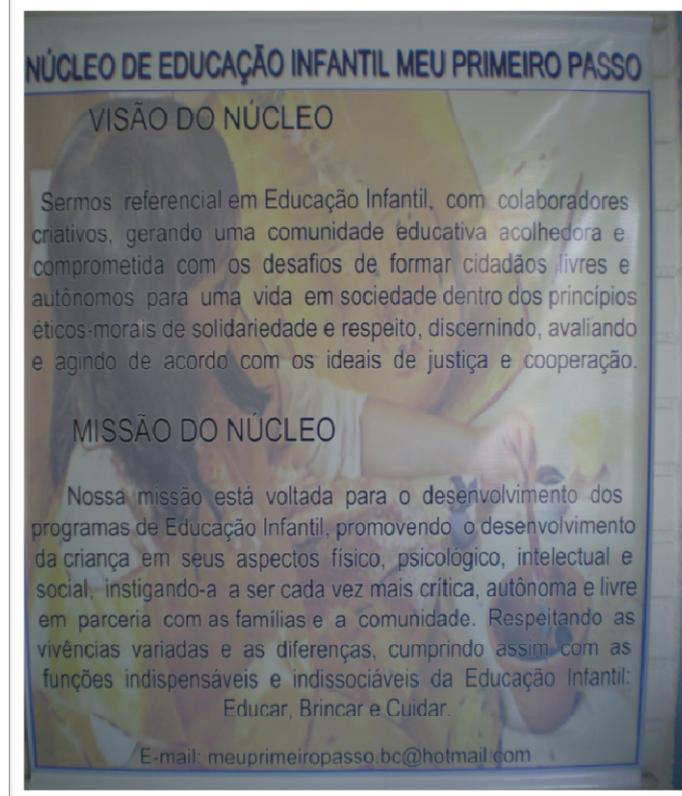


Foto: MARTINS, R. J., 2010.

O espaço físico atual não difere muito daquele da época de sua inauguração em 1990 (Anexo A): um terreno de 462m² e área construída de 224m², dispendo de: cinco salas com média de 16m², cozinha, refeitório, secretaria, três banheiros, lavanderia, área coberta externa de 44m² e um pequeno pátio de 186m² (Figura 7). No início de 2011, o NEI passa por algumas reformas na sua área externa, que alteram principalmente o pátio. O parquinho é deslocado para o lado leste do terreno e no espaço novo é construída uma quadra. Os demais ambientes não sofrem mudanças.

Figura 7. Vista frontal do NEI Meu primeiro Passo.



Foto: MARTINS, R. J., 2010.

3.1.2 O Coletivo da Pesquisa

O coletivo da pesquisa foi composto por todos os alunos do NEI que frequentaram regularmente o núcleo no período de coleta; no entanto para as observações sistemáticas, o coletivo englobou somente um grupo do Jardim II do período matutino. Este grupo foi escolhido porque sua professora e a sua auxiliar são funcionários de carreira e mais antigas na instituição pesquisada. Como complementação, a professora e sua auxiliar foram entrevistadas, totalizando 110 sujeitos, 108 crianças e 2 adultos.

3.1.3 A Coleta e Análise dos Dados

A pesquisa de campo se deu por dados coletados por meio de observações sistemáticas anotadas no diário de campo do pesquisador, composto pelas crianças da turma do Jardim II do período matutino, denominada “Urso”, com 14 crianças. Também foi feito um inventário fotográfico, feito pelo pesquisador, para identificar os espaços apropriados. As fotografias enriqueceram a pesquisa, ilustrando e identificando os espaços do NEI Meu Primeiro Passo.

Foram pesquisados os documentos do NEI, o Plano Político Pedagógico (PPP), Regimento Interno (BALNEÁRI CAMBORIÚ, 2007), planta arquitetônica (Anexo A) e fotografias antigas do NEI (Figuras 3, 4 e 5).

Os desenhos realizados por 108 crianças, que frequentaram regularmente no período que a atividade ocorreu, quando solicitadas: “DESENHE O ESPAÇO QUE VOCÊ MAIS GOSTA NO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO” (Apêndice B). Os desenhos mais representativos foram analisados utilizando a semiótica e interpretados segundo a Revisão de Literatura e os conceitos da Psicologia Ambiental.

Os desenhos foram agrupados de acordo com o espaço desenhado e analisados utilizando-se a semiótica. A análise semiótica está ligada à análise dos símbolos que estão presentes em imagens, buscando analisar, interpretar e descrever os signos que se apresentam na leitura do objeto de estudo (figuras, desenhos, maquetes, entre outros) dentro do contexto em que as imagens são pesquisadas (GONÇALVES, 2006; PENN, 2002). Buscou-se através dela, identificar os elementos que compõem cada desenho.

Como se trata de desenhos de crianças de 4 a 6 anos, não se levou em consideração a fase do desenvolvimento gráfico em que elas se encontram, e sim a intenção do desenho. Em caso de dúvida do pesquisador, as crianças foram consultadas quanto ao que realmente desejavam representar com o seu desenho. Estes foram agrupados em uma única intenção, ou seja, o espaço preferido desenhado. Mesmo que tenham sido desenhados outros espaços.

As colagens das imagens dos espaços aos quais as crianças tem acesso, que foram transformadas em figuras pelo pesquisador (Apêndice D), foram realizadas coladas por 108 crianças, que frequentaram regularmente no período de realização da atividade. Estas foram coladas pelas crianças, em ordem de preferência, em folha específica (Apêndice C), quando solicitadas “verbalmente” em ordem de preferência com o seguinte questionamento existente na folha entregue: “QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ

MAIS GOSTA?”. Para obter a valoração das colagens e calculá-las estatisticamente para a obtenção das médias, foram adotados os seguintes valores:

- 1º mais citado, valor equivalente a 6;
- 2º colocado, valor equivalente a 5;
- 3º colocado, valor equivalente a 4;
- 4º colocado, valor equivalente a 3;
- 5º colocado, valor equivalente a 2;
- 6º colocado, valor equivalente a 1.

Os dados anotados no diário de campo e as entrevistas semi-estruturadas foram analisados pelos conceitos da Revisão de Literatura e da Psicologia Ambiental.

A entrevista semi-estruturada, segundo Gonçalves (2006, p. 33) é:

A entrevista por pauta ou entrevista semi-estruturada é organizada a partir de um roteiro do assunto. Apenas um roteiro, não perguntas. Colocam-se algumas questões a serem discutidas entre o profissional e o entrevistado. Geralmente o profissional faz dois roteiros: um para si e o outro para a pessoa que vai entrevistar. Após, inicia-se uma conversa sobre aquelas questões constantes do roteiro. O papel do profissional é o de um estimulador, e não de um “perguntador”. É recomendado para pessoas que tenham dificuldade de sentir-se à vontade numa entrevista, quando o assunto é um tanto constrangedor. Poderá ser gravada e, se não houver possibilidade, o relatório da entrevista deverá ser feito imediatamente ao término da mesma.

Assim sendo, elaboramos o roteiro da entrevista semi-estruturada para a professora e a monitora após a fase de observação, quando o pesquisador já tinha dados suficientes para realizá-la (Apêndice D e E). O roteiro das entrevistas foi entregue à professora e à monitora separadamente. Inicialmente havia sido prevista uma entrevista gravada, entretanto tanto a monitora quanto a professora preferiram redigir suas respostas, o que foi acatado, pois não interferiria na precisão dos resultados. O entrevistador só esclareceu brevemente alguma dúvida. Para não influenciar nas respostas. As entrevistas serviram para enriquecer a pesquisa e saber a opinião da professora e da monitora sobre os espaços do NEI.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início do período de observação, janeiro de 2011, o NEI se encontrava em reforma, com a construção de uma quadra e a mudança do parquinho para a lateral leste do terreno. Neste período, o NEI permaneceu fechado. Os poucos alunos que necessitavam de atendimento foram encaminhados para outros NEIs, chamados de “polos”, espalhados pelo bairro, até o mês de fevereiro do mesmo ano, quando teve início o ano letivo. No primeiro dia de aula, ao retornar ao NEI, observa-se que as mudanças tão aguardadas estão inacabadas. A quadra está feita e o parquinho realmente mudou de local, porém está menor, perde a ponte que ligava a escada aos escorregadores.

Contudo, se ganha um espaço novo, a quadra de esportes. O espaço da quadra realmente ficou melhor do que estava anteriormente, pois está plano. A pintura é feita no final do mês de novembro do mesmo ano, mas a quadra permanece sem cobertura, o que dificulta a sua utilização nos dias de sol forte ou de chuva. Os demais espaços do NEI não sofreram nenhuma alteração.

Nos dias que se seguem são feitas as observações sistemáticas, depois de passado o período de adaptação dos alunos com os espaços do NEI e com as novas turmas que se formaram. Neste momento as crianças já apresentam comportamentos que podem ser utilizados para a coleta dos dados. Em especial nas sextas-feiras, já que é o “dia do brinquedo”. O dia do brinquedo é quando as crianças podem trazer de suas casas os seus brinquedos e a rotina é mais flexível. Este dia foi escolhido porque as crianças ficam mais livres para brincar, ver TV e brincar nos espaços internos e externos. As atividades não seguem a rotina pré-estabelecida pela professora, exceto os horários de refeição.

Para identificar os espaços apropriados e os não apropriados pelas crianças, é necessário conhecer e entender os espaços existentes no núcleo. Desta forma, os espaços foram listados conforme a sua utilização, elementos que os compõem e, principalmente, se as crianças têm acesso ou não a eles. Entre os espaços aos quais as crianças têm acesso destacam-se:

O parquinho, que está localizado no pátio do NEI e possui mobiliários lúdicos, três balanços, plataforma, escada e dois escorregadores.

A quadra, localizada no pátio do NEI; esta é utilizada para as aulas de Educação Física, atividades livres, brincadeiras e apresentações festivas.

As salas de aulas, que são os espaços nos quais as crianças passam a maior parte do tempo, nelas as crianças deixam seus pertences, são ministradas as atividades pedagógicas, assistem TV, brincam e repousam.

A área coberta, que fica entre o prédio principal do NEI e o refeitório, é utilizada como acesso às salas, secretaria, corredor, depósito, cozinha, refeitório e as áreas externas (portão, parquinho e quadra). É usada também para as aulas de educação física, quando chove e sol intenso, serve também para comemorações, festividades, abastecimento de vários produtos (didáticos, alimentícios, utilitários, entre outros). Na área coberta são colados trabalhos das crianças, decorações festivas e cartazes. Este espaço é utilizado diariamente para o recebimento das crianças.

O refeitório é o espaço onde as crianças fazem suas refeições: café da manhã, almoço, lanche da tarde e janta; é utilizado inclusive para as refeições dos funcionários.

O corredor, que é também o hall do NEI, e serve como acesso às salas de aula, banheiros, secretaria, lavatórios e bebedouros. Nele são colados trabalhos das crianças, cartazes, avisos e decorações festivas.

Os espaços aos quais as crianças não têm acesso são utilizados para a manutenção e funcionamento do NEI, onde o acesso é exclusivo aos funcionários, com exceção da secretaria.

A secretaria é o espaço onde fica a coordenadora, a secretária e o apoio pedagógico, ali são guardados documentos e materiais didáticos. A secretaria possui computadores e outros equipamentos que auxiliam os professores. Nela são realizados os trabalhos de secretariado (informações, matrículas e transferências), atendimento aos pais e a outros profissionais como Assistente Social, Psicólogo e Fonoaudiólogo, que dão assistência ao NEI.

O depósito é um espaço utilizado para guardar materiais didáticos, materiais de Educação Física, entre outros. Ele também serve de acesso à lavanderia, que é restrita aos funcionários, possui um depósito dos materiais de limpeza, manutenção e os equipamentos de lavanderia.

A despensa é um espaço restrito onde são guardados os gêneros alimentícios; está junto à cozinha, que é utilizada pelas merendeiras para o preparo das refeições.

O banheiro dos funcionários é um espaço utilizado pelos funcionários e visitantes, possui o único chuveiro do NEI, que serve para dar banho em alguma criança, quando necessário.

O corredor dos fundos é utilizado para depósito de água, guardar materiais e pendurar roupas.

Para ocorrer a apropriação do espaço é fundamental o acesso a ele. Desta forma, fica claro que os possíveis espaços apropriados são aqueles que as crianças utilizam diariamente. Entre eles temos o parquinho, a quadra, a sala de aula, o corredor (hall), a área coberta e o refeitório.

4.1 OS ESPAÇOS QUE SE TRANSFORMAM EM LUGARES

4.1.1 O Parquinho

O parquinho (Figura 8) está localizado bem próximo do portão de entrada do NEI; ele é o elemento da paisagem que mais atrai a atenção das crianças que adentram no pátio do núcleo: um convite para brincar e se divertir. Para as crianças que estão matriculadas no NEI, a hora de ir para o parquinho é motivo de euforia e de muita alegria. É o momento de sair da sala, brincar ao ar livre, assim como ocorre nas aulas de Educação Física. Contudo, as brincadeiras que acontecem neste espaço são livres e não possuem interferência do adulto, a não ser quando existe algum conflito.

Mas este espaço é limitado, além de possuir poucos mobiliários lúdicos como os três balanços e uma plataforma que dá acesso aos dois escorregadores. Normalmente os balanços são disputados e na plataforma não cabem muitas crianças ao mesmo tempo. Essa limitação não parece ser percebida pelas crianças, provavelmente por elas não terem uma visão crítica, o que é próprio desta faixa etária. Para as crianças este é um espaço para se divertir e brincar, sem nenhuma reclamação com relação ao espaço.

Figura 8. Parquinho do NEI Meu primeiro Passo.



Foto: MARTINS, R. J., 2011.

4.1.2 A Quadra

É o espaço mais novo do NEI, nele são realizadas as aulas de Educação Física. Nos horários que não estão sendo realizadas as aulas, as crianças o utilizam para brincadeiras e jogos, tornando-se uma extensão do pátio externo. A quadra também é utilizada para apresentações e brincadeiras em dias comemorativos ou festivos. Este espaço sempre foi um local sonhado e almejado pelos funcionários do NEI. Contudo, infelizmente ainda não está acabado, passou quase o ano todo sem a pintura do piso, ainda estava sem a pintura das linhas de demarcação, as telas de proteção e a cobertura.

A quadra tornou-se rapidamente um espaço que atrai as crianças, uma extensão do parquinho. Nela as crianças se divertem em brincadeiras diversas. Correm de um lado para o outro, jogam bola, brincam de pega-pega e pique esconde. É um espaço de liberdade e muito divertimento (Figura 9).

Figura 9. Quadra do NEI Meu primeiro Passo.



Foto: MARTINS, R. J., 2011.

4.1.3 A Sala de Aula

É no espaço da sala de aula que a criança passa a maior parte do tempo quando está no NEI; este se transforma na sua referência. É ali que ela guarda seus pertences, encontra seus amigos, desenvolve as atividades propostas pela professora e a monitora, aprende a organizar a sua rotina, ou seja, brinca, aprende, descansa. A sala de aula se transforma na extensão de sua casa. A pessoa responsável pelo espaço é a professora, a quem a criança recorre quando necessário, é a sua referência para tudo.

A professora é quem organiza a rotina, as brincadeiras, as atividades e as regras de grupo. Ela é responsável pela higiene, alimentação e as boas maneiras. É a professora que elogia, dá carinho e chama atenção quando necessário. Quando ocorre qualquer problema é à professora a quem a criança recorre, por isso, a relação que se estabelece entre a criança e a professora é que vai determinar a convivência neste espaço.

Os colegas também são fundamentais: ter amigos e compartilhar as brincadeiras é de suma importância. Por varias vezes as crianças perguntam para seus parceiros preferidos de sala de aula “você é meu amigo?”. Ou alguma reclamação surge. “Professora, ele(a) não quer brincar comigo!”, ou, “Professora ele(a) disse que não é mais meu amigo(a)!”. Isto demonstra também o quanto as relações que se estabelecem entre as crianças são fundamentais para tornar o espaço de sala de aula um ambiente agradável e divertido.

Outro item importante é a organização da sala de aula. Percebeu-se através das atitudes das crianças, ao apontar e identificar seus trabalhos, que o espaço torna-se agradável para elas. Porque seus desenhos, murais e cartazes estão na linha dos olhos das mesmas. O fácil acesso aos materiais didáticos e principalmente aos brinquedos também é muito importante para tornar o ambiente mais agradável para as crianças, elas os pegam regularmente quando solicitados pela professora ou sua auxiliar (Figura 10).

Figura 10. Sala número 1 (Grupo Urso) NEI Meu primeiro Passo.



Foto: MARTINS, R. J., 2011.

No grupo observado, a professora seleciona diariamente uma criança para ser o “ajudante do dia”. O ajudante do dia recebe um crachá colorido que é pendurado com um barbante no pescoço. Sua função é de auxiliar a professora na organização e na distribuição dos materiais utilizados para realizar as atividades do dia. É também o primeiro a ir para a fila

(coluna), quando o grupo sai da sala de aula para realizar alguma atividade externa. Esta escolha é sempre motivo de orgulho para a criança, indicando o quanto a participação da criança na organização é fundamental para ela.

Contudo, existe uma rotina estabelecida pela instituição como os horários de alimentação, parquinho e aulas de Educação Física. A rotina da sala é determinada pelo planejamento da professora, entregue com antecedência para o apoio pedagógico do NEI. A rotina está sempre presente em um quadro no interior da sala de aula, onde as crianças acompanham o desenrolar dos acontecimentos.

4.1.4 O Refeitório

É um espaço que possui uma função específica, realizar as refeições. O fato de o NEI Meu Primeiro Passo ser pequeno faz com que quase sempre se sinta o cheiro dos alimentos que estão sendo preparados na cozinha. E, para muitas crianças, ir para o refeitório é sempre motivo de alegria. As crianças sentam-se em bancos e as mesas próprias para sua altura, em grupos de oito, normalmente com seus colegas de sala e dividem o horário com outro grupo conforme o cronograma.

Normalmente antes da primeira refeição do dia é feita uma pequena oração, e o silêncio neste espaço é sempre requisitado pelas professoras e suas auxiliares que distribuem o alimento preparado pelas merendeiras. A criança é estimulada a comer, mas nunca forçada, come o que tem e se desejar pode repetir, mas sem exageros (Figura 11).

Figura 11. Refeitório do NEI Meu primeiro Passo.



Foto: MARTINS, R. J., 2011.

4.1.5 A Área Coberta

É um espaço com múltiplas funções, é utilizado para aulas, brincadeiras, festas e comemorações. É também a área de acessos como a entrada e saída do NEI, à cozinha, ao refeitório, ao parquinho e ao depósito. Nesse espaço são colados os trabalhos e desenhos dos alunos; é também realizado o momento cívico nas segundas-feiras e normalmente recebe a decoração com temas festivos.

Este espaço é de uso coletivo e faz a ligação entre vários ambientes, sendo de suma importância para o funcionamento no NEI. Antes de ser construída a quadra, era o único espaço para as aulas de Educação Física, a qual ainda é utilizada quando o clima não coopera para a realização de atividades externas.

Mas é um espaço de uso transitório, principalmente para receber as crianças no horário em que antecede o início das aulas, pois as crianças só se dirigem para as salas com a chegada das professoras, já que são recebidas pelas monitoras (Figura 12).

Figura 12. Área Coberta do NEI Meu primeiro Passo.



Foto: MARTINS, R. J., 2011.

4.1.6 O Corredor (Hall)

É um espaço que, assim como o refeitório, possui uma função; nele se tem acesso às salas de aula, a saída e entrada, banheiros masculino e feminino das crianças, lavatório, bebedouros e a secretaria do NEI. Nele são realizados e ensinados os cuidados com a higiene pessoal, usar o banheiro sem o auxílio do adulto, lavar as mãos e tomar água. No banheiro existe um vaso sanitário adaptado para crianças e outro em tamanho normal. Quase sempre,

tanto meninas quanto meninos, usam o banheiro com as portas abertas, principalmente entre as crianças do Jardim I.

Os profissionais que atuam no NEI estimulam os comportamentos e os hábitos de higiene, principalmente após as refeições. Lavar as mãos após o uso do banheiro, escovar os dentes, lavar o rosto após uma atividade mais ativa, tomar água são frequentemente lembrados. Esse espaço serve também para se fixarem mensagens, recados, trabalhos e desenhos realizados pelas crianças. Também são colocadas decorações das datas comemorativas. Nele está o *banner* com a visão e a missão do NEI (Figura 13).

Figura 13. Corredor (Hall) do NEI Meu primeiro Passo.



Foto: MARTINS, R. J., 2011.

4.2 A ANÁLISES DOS DESENHOS E OS ESPAÇOS APROPRIADOS

Além das observações feitas dos espaços internos e externos do NEI aos quais as crianças têm acesso, procurou-se observar os possíveis espaços apropriados pelas crianças. E, para confirmar a apropriação, foi solicitado às crianças que desenhassem o espaço de que mais gostavam. Os desenhos foram realizados por 108 crianças, que frequentaram regularmente no período que a atividade ocorreu, quando solicitadas: “DESENHE O ESPAÇO QUE VOCÊ MAIS GOSTA NO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO” (Apêndice B). Os desenhos mais representativos foram analisados utilizando a semiótica e interpretados a partir da Revisão de Literatura e os conceitos da Psicologia Ambiental.

Os desenhos realizados pelas crianças apresentaram vários elementos e fases de desenvolvimento gráfico em que se encontram os alunos. Vários desenhos apresentam a criança na fase da garatuja, somente com alguns rabiscos que definem o espaço; outros

definem com formas mais específicas. Procurou-se analisar os desenhos pela intenção do espaço desenhado e por elementos que possam ser identificados no mesmo, e não pela fase gráfica na qual a criança se encontra.

Entre os elementos que compõem o desenho, destacam-se: o espaço em si, elementos utilitários (móveis, utensílios, brinquedos, entre outros), elementos arquitetônicos, elementos da natureza (sol, nuvem, chuva, plantas, entre outros) e elementos humanos (o próprio aluno, amigos, professores e familiares). Como o foco do trabalho é a apropriação do espaço, foram selecionados os desenhos mais representativos para a análise qualitativa, mas todos entraram na análise quantitativa.

Em 48% dos desenhos realizados pelas crianças, elas se inserem nos desenhos, mesmo que isto não tenha sido solicitado ou sugerido. Da mesma forma, em 18% dos desenhos elas incluem seus amigos e colegas, indicando que o NEI é um espaço de encontro. Em 26% dos desenhos, as crianças representaram todo o NEI, ou seja, desenhando todos os seus espaços, o que denota que o espaço é um conjunto de lugares.

Na figura 14 se podem observar os valores quantitativos dos desenhos para cada um dos espaços, considerando todos os desenhos realizados.

Figura 14. Valores quantitativos de desenhos para cada um dos espaços.



4.2.1 O Parquinho

O parquinho é o espaço externo que mais aparece nos desenhos, cinquenta e dois ao todo. É, portanto, o espaço preferido das crianças. A figura 14 apresenta dois desenhos representativos do parquinho. No primeiro podem-se observar três crianças brincando no balanço. No segundo aparecem todos os brinquedos que compõem o parquinho: os três

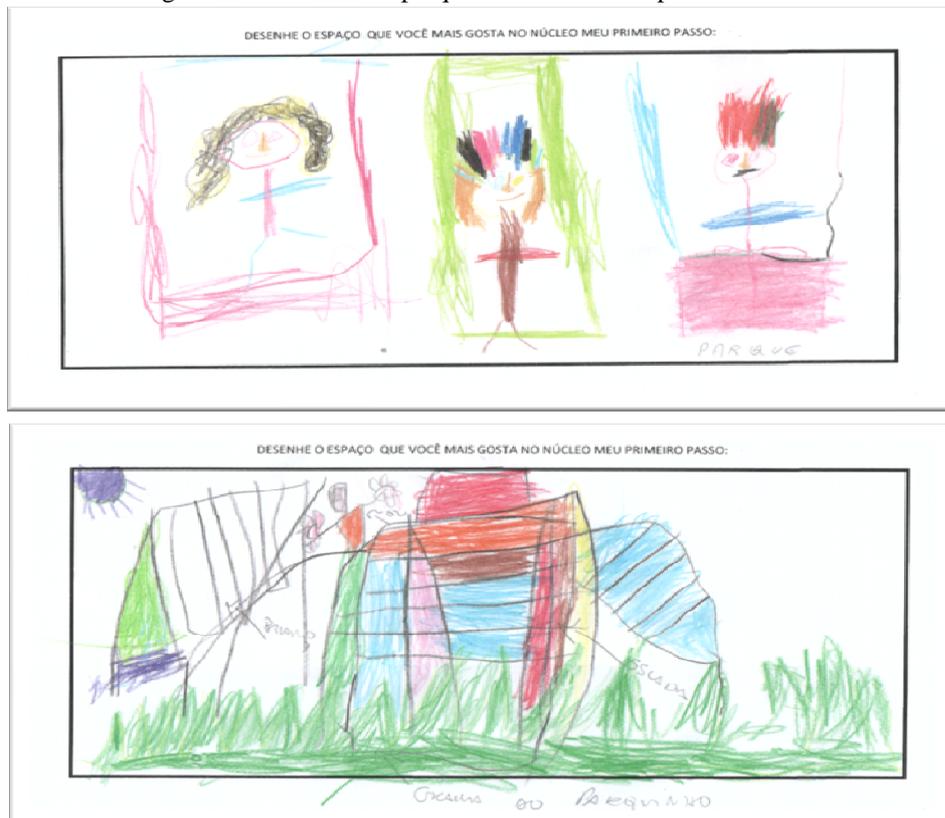
balanços, a escada que dá acesso à plataforma coberta e os dois escorregadores. Como elemento da natureza se observa a grama, que originalmente circunda o parquinho, e o sol. Neste desenho a criança se coloca brincando em um dos escorregadores (Figura 15).

A maior parte das crianças, ou seja, 48% do universo pesquisado preferiu o parquinho como o lugar de que mais gostam. Segundo autores da Psicologia Ambiental como Proshasky (1978) e Pol (1996), gostar do lugar é identificar-se com ele, sentir-se pertencente a ele. Valadares (2000) diz que a casa e os espaços com os quais o sujeito se identifica são lugares que simbolicamente oferecem proteção e segurança.

Fedrizzi e colaboradores (2003) dizem que, quando os espaços escolares possuem elementos naturais como a vegetação, estes se tornam mais atrativos e agradáveis para seus ocupantes, pois refletem beleza e conforto.

O fato de a criança colocar em um dos espaços da escola pessoas como amigos, a professora e a família, nos remete a pensar que ela gostaria de compartilhar este espaço com as pessoas que lhe são próximas e que a protegem. Estes elementos humanos no espaço desenhado refletem as relações familiares e sociais que podem se estabelecer nestes espaços, porque este espaço está carregado de emoção, de identificação e de significados (MOURÃO, CAVALCANTE, 2006).

Figura 15. Desenhos do parquinho do NEI Meu primeiro Passo.



A criança normalmente se identifica com espaços feitos para sua escala como parquinhos e *playgrounds*, estes são espaços que propiciam brincadeiras e jogos de faz de conta (TUAN, 1983). Os elementos lúdicos como os brinquedos (balanços, escadas, escorregadores, bambolês), que as crianças utilizam no parquinho e trouxeram para o desenho, nos remetem a pensar que liberdade espacial e bem-estar estão ligados ao prazer, ao sentimento de felicidade, ao desejo de interação e ao sentir-se bem estando junto ao outro; por exemplo, na figura 15 aparecem os colegas de sala, assim como os brinquedos.

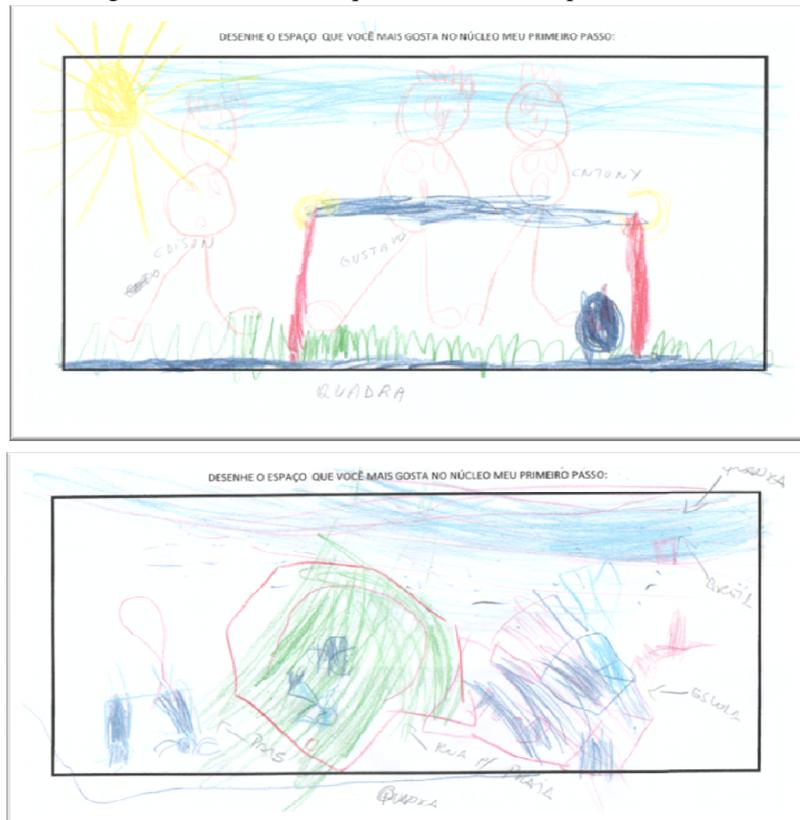
4.2.2 A Quadra

O espaço da quadra faz parte do pátio do NEI; nele são realizadas as aulas de Educação Física e as atividades livres. A quadra aparece em segundo lugar na preferência das crianças, com 31,48%.

Nos desenhos deste espaço aparecem os mesmos elementos que aparecem no espaço do parquinho: colegas, brinquedos, elementos da natureza, familiares e o prédio do NEI. Isso vem reiterar que liberdade, necessidade de interação, atividades livres, contato próximo da natureza, e a proteção da escola, família e amigos são importantes para a criança. Nos desenhos representativos desta categoria aparecem três crianças jogando bola. Pode ser também observado o sol, nuvens e a grama, como elementos da natureza (Figura 16).

Os elementos naturais propiciam beleza e conforto (FEDRIZZI, TOMASINI e CARDOSO 2003). Os elementos humanos que surgem nos desenhos refletem as relações sociais e familiares que podem se estabelecer neste espaço, fortalecendo a identidade das crianças (MOURÃO e CAVALCANTE, 2006). Gostar deste espaço reitera-o como um centro de valor, um centro seguro e de bem estar, propiciando liberdade de movimento e de brincadeiras, interação, socialização ao ar livre com a proteção da escola (TUAN, 1983).

Figura 16. Desenhos da quadra do NEI Meu primeiro Passo.



4.2.3 A Sala de Aula

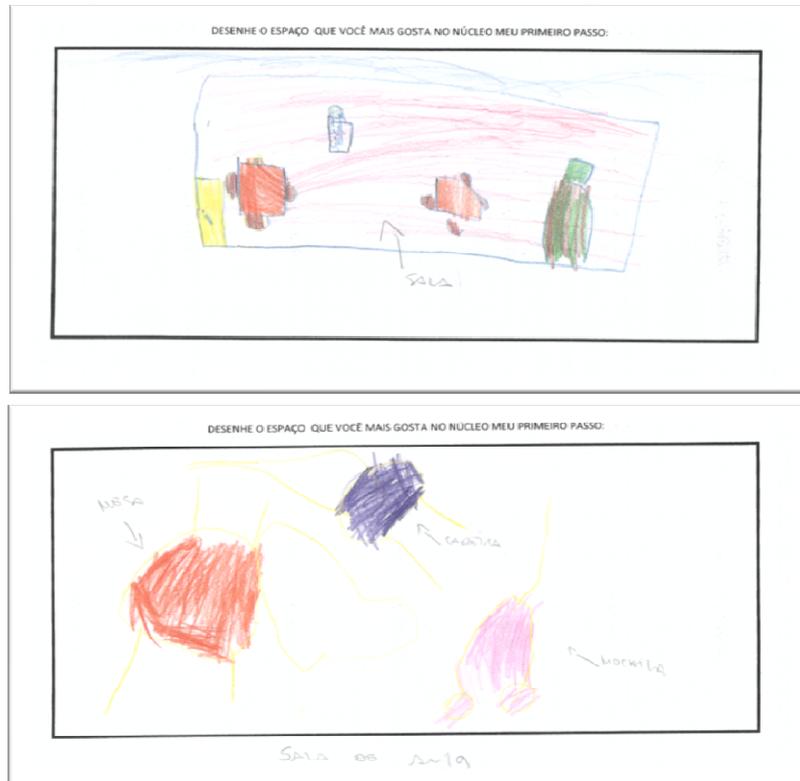
A sala de aula é um espaço interno onde as crianças passam a maior parte do tempo. Este espaço surge como o terceiro lugar na preferência das crianças, com 12,96%. Nos desenhos deste espaço surgem elementos de identificação individual como, por exemplo, a mochila da criança. Podem-se observar também elementos utilitários como mesas, cadeiras e um armário, como elementos arquitetônicos uma porta e as paredes.

Em um dos desenhos representativos deste espaço, a criança se coloca dentro da sala; em outro, aparece o desenho da mochila, este elemento de identificação individual segundo Pol (1996), nos induz a acreditar que a criança se apropria deste espaço (Figura 17). Os elementos utilitários que surgem nos desenhos da sala de aula satisfazem as necessidades de seus ocupantes, favorecendo a sua apropriação (SOMMER 1990 apud GÜNTHER et al., 2003).

Nos desenhos deste espaço, as crianças o fazem como em uma planta baixa, não que elas tenham a noção desta técnica de desenho, e sim porque elas são “[...] miniaturas no

mundo dos adultos, e gigantes em seu mundo de brinquedos”, e tendem a ter esta visão dos espaços ao reproduzirem em forma de desenho (TUAN, 1983, p. 31).

Figura 17. Desenho da sala de aula do NEI Meu primeiro Passo.



4.2.4 O Refeitório

O refeitório é um espaço interno e com uma função específica, e possui uma rotina engessada: realizar as refeições em horários pré-determinados (PINTO, 2003; BATISTA, 1998). Este foi citado como o espaço preferido em apenas cinco desenhos, ou seja, 4,62%.

Em um dos desenhos representativos do refeitório, a criança se desenha no espaço acompanhado de amigos de sala, e também inclui alimentos sobre a mesa e elementos que existem no espaço (Figura 18).

Figura 18. Desenho do refeitório do NEI Meu primeiro Passo.



Em várias literaturas, a comida aparece como um elemento de prazer, não só de necessidade. Amon e Menasche (2008) citam a comida como uma narrativa social e defendem a tese que o ato de comer está inscrito em uma dimensão simbólica, afirmando que o ritual de arrumar a mesa, as louças, os lugares são manifestações culturais que evidenciam a comida como um elemento de partilha.

Compartilhar o alimento é um ato de interação e de comunicação. Para Amon e Menasche (2008), a comida possui uma dimensão comunicativa, expressando significados, formas simbólicas, emoções e de sociabilidade. Ela manifesta a identidade que é cultural e singular a cada povo. O ato de comer está inserido em um sistema de significados de repetições diárias, horários e os modos de se alimentar, e desenvolvem o argumento de que: “a comida, é uma voz que comunica, ela pode contar uma história”, e a comida e as praticas da alimentação podem se constituir como narrativa da memória social de uma comunidade (AMON e MENASCHE, 2008, p. 13).

Ao observamos os desenhos representativos do refeitório, percebe-se que as crianças observam a mesa posta, arrumada, esperando, por certo, a chegada de outros colegas e o início coletivo da refeição. Segundo a Psicologia Ambiental, o sujeito, ao respeitar a finalidade de

determinados espaços quando este inclui rituais coletivos que promovem convívio e interação, podemos afirmar que este espaço foi apropriado, já que o sujeito identifica-se com esses rituais e se sente pertencente a estes grupos.

Os elementos utilitários que surgem nos desenhos do refeitório reforçam a apropriação do espaço, pois satisfazem as necessidades de seus ocupantes (SOMMER 1990 apud GÜNTHER et al., 2003).

4.2.5 A Área Coberta

A área coberta é um espaço externo, que faz a ligação entre as salas e o refeitório. Este espaço é citado em apenas dois desenhos, representando 1,85%. Em um dos desenhos representativos da área coberta aparece o elemento natureza, o sol, caracterizando o espaço como aberto e de atividades livres. Na figura pode-se observar também que a criança se autorrepresentou executando a tarefa solicitada (Figura 19).

Figura 19. Desenho da área coberta do NEI Meu primeiro Passo.



A área coberta é um espaço transitório e de circulação, é um espaço utilizado por todos e não possui uma rotina engessada. Pode-se dizer que é um espaço externo que possui uma proteção contra intempéries, ou seja, uma cobertura. Por isto é um espaço utilizado principalmente nos dias de chuva, ou, de sol muito forte, para a realização das aulas de Educação Física.

Nos desenhos deste espaço aparece o ponto de vista da criança, quase em forma de planta baixa, como se a criança olhasse para este espaço do alto (TUAN, 1983). É um espaço que possui grande plasticidade, é utilizado para as aulas, festas, apresentações, momentos cívicos e exposições de trabalhos, propiciando a sua apropriação (POL, 1996).

4.2.6 O Desenho do Corredor (Hall)

O corredor também é o hall do núcleo, é um espaço interno que proporciona circulação. Este espaço foi citado em um único desenho, representando 0,92%. Nele se pode observar elementos arquitetônicos como paredes dos banheiros, masculino e feminino, e duas portas que dão acesso às salas de aula. Observa-se inclusive os elementos utilitários como os vasos sanitários, os lavatórios e uma lixeira. Deduz-se que a criança tem uma visão meramente funcional deste espaço, pois ele tem uma função muito específica (Figura 20).

Contudo, segundo Sommer (1990 apud GÜNTHER et al., 2003): “[...] à medida que as crianças vão se desenvolvendo tornam-se conscientes das oportunidades presentes em vários ambientes para satisfazer suas necessidades pessoais” (p. 32). Desta forma, podemos afirmar que este espaço satisfaz as necessidades fisiológicas das crianças (lavar as mãos, tomar água, escovar os dentes e usar o banheiro) embora seja um espaço pouco lembrado, mas fundamental. O que nos leva a crer na sua apropriação, pois sem ele o espaço escolar seria deficiente.

Novamente, podemos observar no desenho o ponto de vista, ao desenhar o espaço, ela o faz como se estivesse observando-o do alto, confirmando a afirmação de Tuan (1983, p. 31), de que a criança faz uma leitura do mundo como um “deus do Olimpo” olhando do alto, por ser um gigante em seu mundo de brinquedos.

O corredor é também um espaço onde em suas paredes são expostos os informativos, murais e trabalhos dos alunos, caracterizando sua apropriação. Pois segundo POL (1998), quando os trabalhos dos alunos decoram o ambiente este espaço favorece a sua apropriação.

Figura 20. Desenho do corredor do NEI Meu primeiro Passo.



4.3 A COLAGENS DAS FIGURAS E OS ESPAÇOS APROPRIADOS

Após a identificação dos espaços aos quais as crianças têm acesso, ocorrido durante o período de observação, estes foram fotografados. Para a seleção das imagens, buscaram-se as que mais representassem o espaço e que as crianças facilmente os identificassem (Apêndice D). Os espaços fotografados foram o parquinho, a quadra, as salas de aula, o refeitório, área coberta e o corredor que também é o hall.

Todas as salas de aula foram fotografadas, uma vez que esta atividade de colagem foi realizada com todos os alunos, e como estes pertencem a salas diferentes, permitindo que no momento da atividade cada criança identificasse e colasse a figura que representava a sua própria sala. As imagens foram montadas em forma de figuras, e estas em um total de seis figuras foram entregues a 108 crianças, em grupos separados, tanto do período matutino como vespertino.

Foi então solicitado “verbalmente” que as mesmas as colassem em uma folha específica (Apêndice C), em ordem de preferência com o seguinte questionamento existente na folha entregue: “QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?”. Para a utilização de cálculo estatístico da a média, a ordem das colagens foi valorada da seguinte forma:

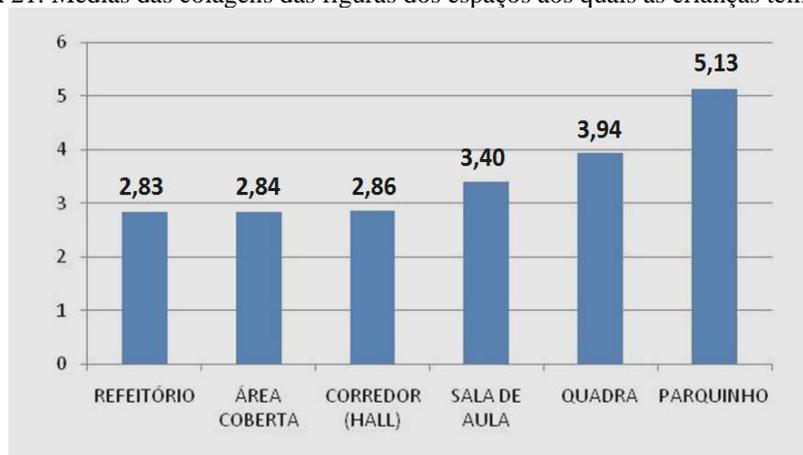
- 1º mais citado, valor equivalente a 6;
- 2º colocado, valor equivalente a 5;
- 3º colocado, valor equivalente a 4;
- 4º colocado, valor equivalente a 3;
- 5º colocado, valor equivalente a 2;

- 6º colocado, valor equivalente a 1.

Com estes valores, após a realização das colagens, foram calculadas as médias que obtiveram as seguintes colocações e valores, referentes aos espaços: Em primeiro colocado está o parquinho, como espaço mais citado, com 5,13 de média, conforme a valoração pré-estabelecida. Em segundo colocado está a quadra, como o segundo espaço preferido, com 3,94 de média, conforme valoração conforme a valoração pré-estabelecida. Em terceiro, na colocação, está a sala de aula, com 3,40 de média, conforme a valoração pré-estabelecida.

E, praticamente equilibrados estão os demais espaços, o refeitório, a área coberta e o corredor (hall); estes estão com valores de suas médias respectivamente de 2,83 (6º colocado), 2,84 (5º colocado) e 2,86 (4º colocado). Os espaços e suas médias estão representados na figura 21.

Figura 21. Médias das colagens das figuras dos espaços aos quais as crianças têm acesso.



As colagens das figuras vêm confirmar as preferências dos espaços, ou seja, os espaços de que as crianças mais gostam. Tanto o gráfico dos valores quantitativos dos desenhos para cada um dos espaços (Figura 14), quanto gráfico das Médias das colagens das figuras dos espaços aos quais as crianças têm acesso (Figura 21), reforçam o gosto das crianças pelos espaços do NEI.

Confirmou-se que existe uma hierarquia de preferência, mas não o desejo de excluir algum espaço, pois em nenhum momento, as crianças se recusaram colar uma ou outra, figura. Comprovando, que elas se identificam com todos os espaços do NEI Meu Primeiro Passo, para Proshasky (1978) e Pol (1996), gostar do lugar é identificar-se com ele, sentir-se pertencente a ele. Ao coparmos o resultado desta atividade de colagem em relação aos desenhos dos espaços, pode-se constatar:

- ✓ O desenho é sempre uma atividade que permite à criança expressar e imprimir os seus desejos;
- ✓ A colagem limita-se à figura em questão, não abrindo possibilidades para que outros elementos (utilitários, naturais, humanos, entre outros) apareçam no espaço;
- ✓ O desenho de um espaço, mesmo que seja uma garatuja, é a expressão de uma verdade mesmo com a limitação de um determinado tema, enquanto que uma figura é uma representação fiel de um espaço em sua forma real.

Mesmo que esta atividade não tenha a riqueza de detalhes e a análise que os desenhos representaram, as colagens das figuras vem confirmar a preferência dos espaços do NEI pelas crianças, corroborando o resultado dos desenhos e de certa forma confirmando a sua apropriação. Pois, como resultado temos em primeiro o parquinho, como sendo o espaço preferido das crianças, como nos desenhos. Confirmando a afirmação de Tuan (1983) que a criança normalmente se identifica com espaços feitos para sua escala, como parquinhos e *playgrounds*, pois estes espaços propiciam brincadeiras e jogos de faz de conta.

Em segundo a quadra, mesmo sendo um espaço relativamente novo, e, em terceiro a sala de aula, estes resultados são semelhantes aos obtidos na totalização dos desenhos que foram realizados. Estes são espaços que simbolicamente oferecem proteção e segurança, e as crianças identificam-se com eles (VALADARES, 2000).

Na sequência e não sendo menos importantes, aparecem os demais espaços aos quais as crianças têm acesso, o refeitório, a área coberta e o corredor. Estes espaços que são utilizados diariamente e pelo fato de serem transitórios, possuem poucos atrativos e não permitem maior liberdade, também são lembrados e provavelmente apropriados de forma diferenciada, como o que ocorreu nos desenhos.

Isto se dá porque estes espaços possibilitam também relações sociais e convívio diário, fortalecendo a identidade das crianças (MOURÃO e CAVALCANTE, 2006). São inclusive espaços que possuem elementos utilitários, satisfazendo as necessidades de seus ocupantes (SOMMER 1990 apud GÜNTHER et al., 2003). Mesmo que possuam uma função específica e rotina engessada, comer, higiene e satisfazer necessidades fisiológicas (PINTO, 2003; BATISTA, 1998).

De modo geral as crianças gostam de todos os espaços do NEI, aos quais elas têm acesso, reiterando que este é um centro de valor, um centro seguro e de bem estar que propicia momentos únicos com brincadeiras, interação, aprendizagem e socialização (TUAN, 1983).

4.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM A MONITORA E A PROFESSORA

O roteiro das entrevistas foi entregue à professora e à monitora separadamente. Inicialmente havia sido prevista uma entrevista gravada, entretanto tanto a monitora quanto a professora preferiram redigir suas respostas, o que foi acatado, pois não interferiu na precisão dos resultados. O pesquisador só esclareceu brevemente as dúvidas que surgiram no momento das respostas. Entretanto, somente a monitora questionou o entrevistador sobre o que seria a Psicologia Ambiental. O entrevistador deu um breve conceito do que seria a Psicologia Ambiental, para não influenciar no resultado final da resposta. As entrevistas serviram para enriquecer a pesquisa e saber a opinião da professora e da monitora sobre os espaços do NEI. Reafirmamos que para esta pesquisa tem como objeto a apropriação dos espaços do NEI pelas crianças, e não de seus funcionários.

Todos os espaços do NEI possuem uma função, e a apropriação deles vai depender da sua utilização e do sujeito que o utiliza. Para esta pesquisa, nós nos concentramos nos espaços aos quais as crianças têm acesso direto, que foram listados anteriormente, embora os demais sejam fundamentais e necessários para o funcionamento do NEI.

Na perspectiva da professora e da monitora que foram entrevistadas, ambas possuem a opinião que os espaços do núcleo ficam a desejar e que poderiam ser melhorados. O fato de ser bastante reduzido é um fator recorrente. A professora salienta “Acho que pelo tamanho do núcleo, os espaços físicos deveriam ser revistos...”. E a monitora acrescenta que “... o espaço físico é extremamente pequeno para a faixa etária atendida (4 a 6 anos)...”.

Para elas o fato de os espaços serem pequenos e limitados pode estar relacionado aos elementos estruturais, utilitários e funcionais. Estes elementos segundo Pol (1996) são importantes no processo de apropriação do espaço, seria importante adapta-los às necessidades e à faixa etária dos seus ocupantes, os alunos da pré-escola.

Contudo, as entrevistadas demonstram a apropriação do espaço por elas, quando dão sugestões para melhorá-los, identificando o que Pol (1996) chama de ação e transformação do espaço; isto é evidente quando a professora diz que, para mais bem atender seus alunos, deveria haver um melhor aproveitamento do mesmo, acrescentando “... locais como o espaço da horta (não precisa), uma sala de aula a menos (usar como sala de professores) cobrir o corredor de trás como + (mais) um espaço para as crianças usufruírem.”. O desejo de transformar o espaço está presente na fala da monitora também, que sugere algumas alternativas: “a princípio, a solução seria adquirir um novo terreno que fica ao lado do núcleo,

e poderiam também ser eliminados alguns vasos de flores que tomam o pouco espaço que temos”.

No entanto, a ação e a transformação do espaço esbarram em legislações e processos administrativos, sem contar os interesses políticos, já que o NEI é um espaço público e de uso coletivo, mantido pela Prefeitura do município. Elali (2002) reforça esta constatação ao afirmar que a apropriação do espaço escolar é determinada por processos institucionais, ou seja, às vezes as mudanças deste espaço esbarram em processos burocráticos e em investimentos financeiros públicos, o que foge da ação imediata dos que o utilizam. Daí, a criatividade dos envolvidos é que tenta tornar o ambiente mais acolhedor.

A monitora vai mais além, ao ser questionado sobre os conceitos da Psicologia Ambiental, demonstra grande preocupação sobre o espaço com o qual trabalha. Ela enfatiza que os espaços internos e externos do NEI deixam a desejar, e, algumas modificações e reformas, poderiam proporcionar melhor aproveitamento dos espaços para seus alunos. Uma vez que em relação aos materiais didáticos e núcleo possui em quantidade satisfatória. Entre as modificações e as reformas a monitora sugere a caixa de areia, a cobertura da quadra e mais opções de mobiliários lúdicos no parquinho.

Já a professora, quando perguntada sobre os conceitos da Psicologia Ambiental, coloca objetivos da apropriação do espaço escolar que Pol (1996) aborda em suas pesquisas, que é o psicológico e o pedagógico. Para ela, o desenvolvimento dos alunos em um processo de ensino e de aprendizagem passa também por um ambiente ao qual a preocupação com o espaço e as relações que se estabelecem entre ele e os que o ocupam, não só físico, mas também pelos espaços sociais e culturais aos quais os alunos estão inseridos. Para a professora, os espaços do NEI deveriam proporcionar uma maior interação entre as crianças seguindo os conceitos da Psicologia Ambiental.

O desenvolvimento das crianças no espaço escolar, quando este é apropriado, estimula também à autoimagem da criança, a criatividade, as habilidades, a convivência social e comunitária, bem como os valores sociais, da cultura na qual as crianças estão inseridas (POL, 1996).

Ao abordamos o tema “valores” com os entrevistados, é perceptível a preocupação com o mesmo. Veem que é na escola que os valores, regras e limites estão sendo ensinados. Com a modernidade, as famílias contam com a escola para tratar o tema com seus filhos. Na fala da monitora além dos valores, a escola, e claro principalmente a pré-escola, fica responsável pela educação das crianças em outras dimensões.

Deste modo, grande parte da vida social e cultural das crianças é vivida na escola e, em especial, na pré-escola, já que as crianças iniciam tão cedo a vida escolar. Para a professora, os pais aproveitam os temas trabalhados na escola para inseri-los em casa. Porém demonstra preocupação quando constata que para alguns alunos, suas famílias não sabem ensinar regras e valores para os seus filhos e estes chegam à escola sem a mínima noção de vida em sociedade, com suas regras e valores. E acrescenta: “Na realidade ensinar valores é educar em todos os sentidos.”

Isto foi confirmado nas datas comemorativas, pois as crianças demonstraram grande ansiedade nas vésperas destes dias, observação que ocorreu no durante a pesquisa. É notório que nas datas comemorativas que as interações sociais ocorrem com maior intensidade, principalmente quando algum familiar participa, sendo homenageado ou prestigiando estes eventos.

Quando abordamos o espaço virtual, ou seja, o cyber espaço, e de que forma este influencia o comportamento dos alunos, tanto a professora quanto a monitora o vem como um instrumento que deve ser explorado com cautela e sempre utilizado sob o cuidado e a supervisão dos adultos, filtrando e controlando o que os alunos têm acesso. Para a monitora, a TV e o rádio ainda são as mídias às quais as crianças têm mais acesso. Os filmes e os desenhos preferidos acabam influenciando seus comportamentos e atitudes. E esse comportamento é observado quando as crianças têm liberdade de se expressarem, nas brincadeiras onde não tem a interferência dos adultos.

Isto foi percebido durante o período de observação no dia do brinquedo. As brincadeiras e aos brinquedos que as crianças trazem para o núcleo neste dia, quase sempre estão relacionados com os desenhos e super-heróis da mídia, assim como seus objetos pessoais, tais como: mochilas, materiais didáticos, roupas e calçados (Figura 22).

Figura 22. Mochilas dos alunos do Grupo Urso, NEI Meu primeiro Passo.



Foto: MARTINS, R. J., 2011.

Isso demonstra o quanto as crianças estão expostas às mídias e às propagandas consumistas. Em contrapartida, os profissionais que atuam no NEI apresentam para as crianças brincadeiras tradicionais e atividades com materiais reciclados e sem relação com as mídias, e, as crianças demonstram bastante interesse e curiosidade. Assim, fica claro que os brinquedos simples, tradicionais e feitos com sucata divertem tanto como os produtos caros, ligados ao consumismo moderno.

Em suma, todos os desenhos confirmam a apropriação dos espaços do NEI, assim como as colagens das figuras. Contudo, esta apropriação é singular e diferente para cada criança. O desejo de expressar o espaço preferido demonstrando a identificação, o sentimento de pertença e a personificação com os trabalhos das crianças decorando o ambiente. O NEI Meu Primeiro Passo não é só um espaço para se ocupar, mas um conjunto de espaços que vão se transformando em lugares à medida que seus alunos o utilizam e os desejam.

O NEI possui função social específica, mas sob o ponto de vista da criança, este é um espaço protegido que desperta o desejo de estar ali, desejo de liberdade, lazer e descobertas. Elas não têm a percepção de que as espacialidades do núcleo poderiam ser mais bem aproveitadas, organizadas ou reformadas. Contudo, fica evidente que esta é a função dos adultos que trabalham junto às crianças, sejam eles professores, monitoras ou gestores.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou evidenciar a apropriação do espaço sob o ponto de vista da criança no espaço escolar da pré-escola. Ela se torna importante porque está voltada para o desenvolvimento integral das crianças em todos os seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, buscando ir ao encontro dos conceitos da Psicologia Ambiental, respeitando a individualidade de cada da criança em seu contexto histórico e social.

Para alcançar os objetivos propostos, buscou-se utilizar uma metodologia que compreendesse o processo de apropriação do espaço escolar na pré-escola e procurasse ser adequado à faixa etária estudada.

A maior dificuldade encontrada no decorrer da pesquisa foi a faixa etária estudada, uma vez que a criança faz uma leitura bastante simplista do mundo e do espaço que a cerca, pois a mesma está em desenvolvimento. A maior facilidade em pesquisar crianças de 4 a 6 anos é a sinceridade e a espontaneidade quando observada, e principalmente quando solicitadas a realizarem desenhos e a atividade de colagens, tudo vira uma grande brincadeira para elas.

É fato que os espaços da pré-escola nem sempre são planejados para esta função, normalmente são construções adaptadas, embora atualmente a legislação e as políticas públicas educacionais no Brasil estejam mudando. Para que a educação infantil seja respeitada como parte do ensino fundamental e que promova o desenvolvimento integral da criança, no processo ensino-aprendizagem, o espaço físico deve ser revisto e planejado para esta função. Desta forma, a Psicologia Ambiental pode contribuir em muito na melhora da qualidade da Educação Infantil.

Com relação à apropriação do espaço, a criança facilmente se apropria do espaço onde está, em maior ou menor intensidade, dependendo da liberdade que tem no espaço. Para as crianças, depois de passado o período de adaptação, que normalmente ocorre no início do ano ou quando inicia sua vida escolar, o fato de ir para o NEI é vivenciar novas experiências e realizar atividades que provavelmente em casa não ocorreriam.

As Ciências Ambientais possuem várias linhas de pesquisa, tanto do meio natural quanto o meio ambiente urbano. A Psicologia Ambiental contribui muito para entender o ser humano em seu ambiente, e pelo fato do ser humano cada vez mais viver em cidades, estas deve promover a melhoria da qualidade de vida para seus habitantes, independentes das faixas etárias.

O objetivo principal desta pesquisa foi compreender o processo de apropriação do espaço escolar na pré-escola por crianças de 4 a 6 anos, e temos como os atores deste trabalho os alunos do NEI Meu Primeiro Passo.

Com relação à apropriação do espaço pode-se constatar que é um processo que ocorre pela identificação, o sentimento de pertença, a personificação, a cultivação e o sentimento de defesa; e para o coletivo desta pesquisa, os alunos do NEI, se pode observar:

- ✓ Forte identificação com os espaços do núcleo, em todos os sentidos, sendo que uns mais, outros menos, dependendo da liberdade e a função do espaço;

- ✓ Forte sentimento de pertencimento ao grande grupo “Meu Primeiro Passo” e aos pequenos grupos, formados pelas suas dez turmas, onde cada uma tem seu nome próprio de turma;

- ✓ A personificação do espaço está por todo núcleo, com desenhos e trabalhos realizados pelas crianças, inclusive nas várias atividades artísticas que ocorreram durante o ano;

- ✓ Em relação à cultivação do espaço e o sentimento de defesa dependem dos adultos que estão em contato com as crianças, isto se dá porque as crianças estão sob os cuidados dos adultos e subordinadas as suas decisões para quase tudo, pois é dever dos adultos prestar esta assistência.

Por isso as atitudes e os comportamentos dos profissionais que atuam diretamente com as crianças são fundamentais para cuidar, educar e contribuir para a formação dos alunos. As crianças estão sempre atentas aos mínimos detalhes do modo de agir dos profissionais, principalmente os professores e os monitores que estão mais próximos a elas.

O parquinho é o espaço externo preferido, seguido pela quadra, estes são espaços que se transformaram em lugares para se movimentar proporcionando liberdade e expressão. O NEI é um espaço público, e a sala de aula é o lugar de maior referência neste espaço. Isto ocorre porque a sala de aula é o lugar em que as crianças permanecem a maior parte do tempo, realizando várias atividades e onde guardam seus pertences pessoais. Nela, as crianças se identificam e a tem como referência quando estão longe de suas casas. Já os demais espaços como, por exemplo, a área coberta (espaço externo), o corredor (hall) e o refeitório (espaços internos), são utilizados diariamente, e as crianças os veem como utilitários e transitórios. Portanto, estes espaços também são apropriados de maneira diferente ou com menor intensidade.

O NEI Meu Primeiro Passo possui poucos mobiliários lúdicos e o seu espaço físico é bastante limitado, porém esta percepção não foi passada nos desenhos das crianças e nas

colagens. No entanto, essa percepção foi demonstrada pela professora e pela monitora, em suas entrevistas. Para as crianças, o fator que é mais determinante é a liberdade de agir, as experiências vivenciadas, as atividades realizadas e, principalmente a afetividade dos profissionais que atuam diretamente com elas.

A liberdade das crianças também está relacionada à autonomia, e esta, por sua vez está diretamente relacionada aos acessos aos espaços e utensílios do NEI. A facilidade de utilização dos banheiros, bebedouros, lavatórios e mobiliários é determinante no processo de apropriação. Por isso a organização do espaço é fundamental para que as crianças desenvolvam a autonomia e, principalmente, se apropriem do espaço.

Contudo, algumas soluções para resolver os problemas relacionados ao espaço dependem da mantenedora do NEI, ou seja, a Prefeitura Municipal, pois são necessários recursos financeiros e decisões dos gestores. As solicitações de melhoria dos espaços esbarram em burocracias e em decisões políticas que extrapolam a vontade dos profissionais que atuam no núcleo. No que diz respeito aos efeitos da apropriação do espaço, na pesquisa realizada no NEI Meu Primeiro Passo, podem-se observar os efeitos psicológicos da apropriação quando Pol (1996) diz que o espaço escolar reforça a autoimagem da criança frente a si e diante dos demais colegas, desenvolvendo um sentido social comunitário. Podemos afirmar que existe uma grande comunidade formada pelos alunos, pais e profissionais do “NEI Meu primeiro Passo”, formando uma intrincada teia de relações pessoais e ambientais.

Outro efeito da apropriação citado por Pol (1996) é o pedagógico da apropriação, pois através dele a criança desenvolve o sentido de criação, expõe suas habilidades, o sentido de ordem e os valores estéticos inseridos, que não são outra coisa senão os valores sociais. Isto ocorre porque o NEI é um centro de cuidado, de educação e de formação para seus alunos e seus profissionais.

Apesar dos problemas estruturais e funcionais observados, fica claro que as crianças têm no Núcleo de Educação Infantil Meu Primeiro Passo um referencial importante em suas vidas.

REFERÊNCIAS

- AMON, D.; MENASCHE, R. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 1, jan/jun., p. 13-21, 2008.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- BALNEÁRIO CAMBORIÚ. **Regimento interno**. Secretaria de Educação, Balneário Camboriú, 2007.
- BATISTA, R. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido**. Florianópolis, SC. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política de educação infantil no Brasil: Relatório de avaliação** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB; UNESCO, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Padrões de infraestrutura para o espaço físico destinado à educação infantil e Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, p. 3-24, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Formação pessoal e social. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v. 2,1998.
- CASTELLS, M.. **O Poder da Identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CASTILLO, J. **Psicología ambiental, naturaleza y cultura**. 1. ed. Luis Glombovsky: Ediciones por la Vida/Fundación Ambiente Total. Barcelona, 2005.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez. Série 1. Escola. v. 16, 1991.
- CLAVAL, P.; PIMENTA, L. F. **A geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.
- DAMERGIAN, S. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. In: TASSARA, E. T. de O. (Org.). **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC/Fapesp, p.87-120, 2001.
- ELALI, G. A. **Ambientes para a educação infantil: um quebra-cabeça?** [s.i.]. 2002. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- _____. Psicologia e Arquitetura: em busca do lócus interdisciplinar. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 349-362, Natal, 1997.
- FEDRIZZI, B.; TOMASINI, S. L. V.; CARDOSO, L. M. **A vegetação no pátio escolar: um estudo para a realidade de Porto Alegre-RS**. Trabalho apresentado no VII Congresso Nacional de Arborização Urbana, Belém, Pará, 2003.

- FERNANDES, O. S. **Crianças no pátio escolar: a utilização dos espaços e o comportamento infantil no recreio.** 112 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- FOLLMANN, J. I. Identidade como conceito sociológico. **Ciências Sociais- Unisinos.** São Leopoldo, v. 37, n. 158, p.43-66, 2001.
- FURTADO, O. Psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, A. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica.** São Paulo: Cortez, p. 75-93, 2001.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOMES, H. J. P.; OLIVEIRA, O. B. Obstáculos epistemológicos no ensino de ciências: um estudo sobre suas influências nas concepções de átomo. **Ciências & Cognição,** v. 12, p. 96-109, 2007.
- GONÇALVES, T. M. **Os valores que orientam a relação homem/natureza.** In: Anais do V Encontro da ANNPAS, out. 2010.
- _____. Habitação e Sustentabilidade Urbana. **Revista INVI,** Chile, v. 24, n. 65, p.113-136, 2009.
- _____. **Cidade e Poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano.** Ijuí: Unijuí, 2007.
- _____. **Ensaio sobre pesquisa qualitativa.** Criciúma, SC: [s.n.], 2006.
- _____. Psicologia Ambiental. **Revista em Ciências da Saúde,** Criciúma, v. 1, n. 1, p. 17-21, 2004.
- GUNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psic.: Teor. e Pesq.** Brasília, vol.22, n.2, p. 201-209, 2006.
- GUNTHER, I. A; NEPOMUCENO, G. M.; SPEHAR, M. C.; GUNTHER, H. Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. **Estudos em Psicologia,** Natal, v. 8, n. 2, p. 299-308, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, D. **Espaços de Esperança.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- ITTIELSON, W. H.; PROSHANKY, H. M.; RIVLIN, L. G.; WINKEL, G. H. Homem ambiental. **Textos de psicologia ambiental,** Brasília, n. 14, 2005.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LEOPARDI, M. T. **Metodologia da pesquisa na saúde.** Santa Maria: Pallotti, 2002.
- LIMA, M. W. S. **Arquitetura e educação.** São Paulo: Nobel, 1995.
- LORENZER, A. **Bases para una teoria de la socialización.** Buenos Aires, Amorrortu, 1976.
- MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Br, 2008.
- MOURA, M. C. Organização do espaço no contexto da educação infantil de qualidade. **Revista Travessias,** Chapecó, v. 3, n. 3, p. 140-158, 2009.
- MOURAO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. **O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada.** **Estudos em Psicologia,** Natal, v. 11, n. 2, p. 143-151, 2006.

- PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, p. 319-342, 2002.
- PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H.; GUZZO, R. S. L. Psicologia ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In: GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. (Org.). **Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas: Alínea, p. 7-14, 2004.
- PINTO, M. R. B. **A condição social do brincar na escola: o ponto de vista da criança**. 182 f. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- POL, E. La apropiación en la escuela. In: IÑIGUEZ, L.; POL, E. **Monografies psico-socio ambientales**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996. p. 45-62.
- PROSHANSKY, H. M. The city and self-identity. **Environment and behavior**, v. 10, n. 2, p. 147-169, 1978.
- SAFRA, G. **A po-ética na clínica contemporânea**. 2. ed Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.
- SOMMER, B. Favourite places of Estonian adolescents. **Children's Environmental Quarterly**, v. 7, n. 4, p. 32-36, 1990.
- SOUZA, H. M. B. **O pátio escolar do ensino fundamental como ambiente de brincar segundo as crianças usuárias**. Dissertação de mestrado, Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- SOUZA, M. L. **Planejamento e gestão urbanos como ferramentas de promoção do desenvolvimento sócio-espacial**. In, Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- TASSARA, E. T. de O.; RABINOVICH, E. P. Perspectivas da Psicologia Ambiental. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 8, n. 2, p. 339-340, 2003.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.
- VALADARES, J. C. Qualidade do espaço e habitação humana. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.83-98, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Carta de consentimento livre e esclarecimento do participante



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando uma pesquisa intitulada **“A apropriação do espaço escolar: Um estudo de caso em uma pré-escola de Balneário Camboriú, Santa Catarina”**. O (a) sr (a). foi plenamente esclarecido de que seu filho estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos **compreender o processo de apropriação do espaço escolar na pré-escola por crianças de 4 a 6 anos na perspectiva da Psicologia Ambiental, utilizando o conceito de Apropriação do Espaço**. Embora o (a) sr (a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) Sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao Sr (a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o (a) Sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. Autoriza ainda a gravação da voz na oportunidade da entrevista.

A coleta de dados será realizada por Rudnei Joaquim Martins, Professor do Núcleo e (FONE: 47-3349-8846/8428-5969) Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC e orientado pela Professora Teresinha Maria Gonçalves (34312588). O telefone do comitê de ética é 3431.2723.

Balneário Camboriú (SC) _____ de _____ de 2011.

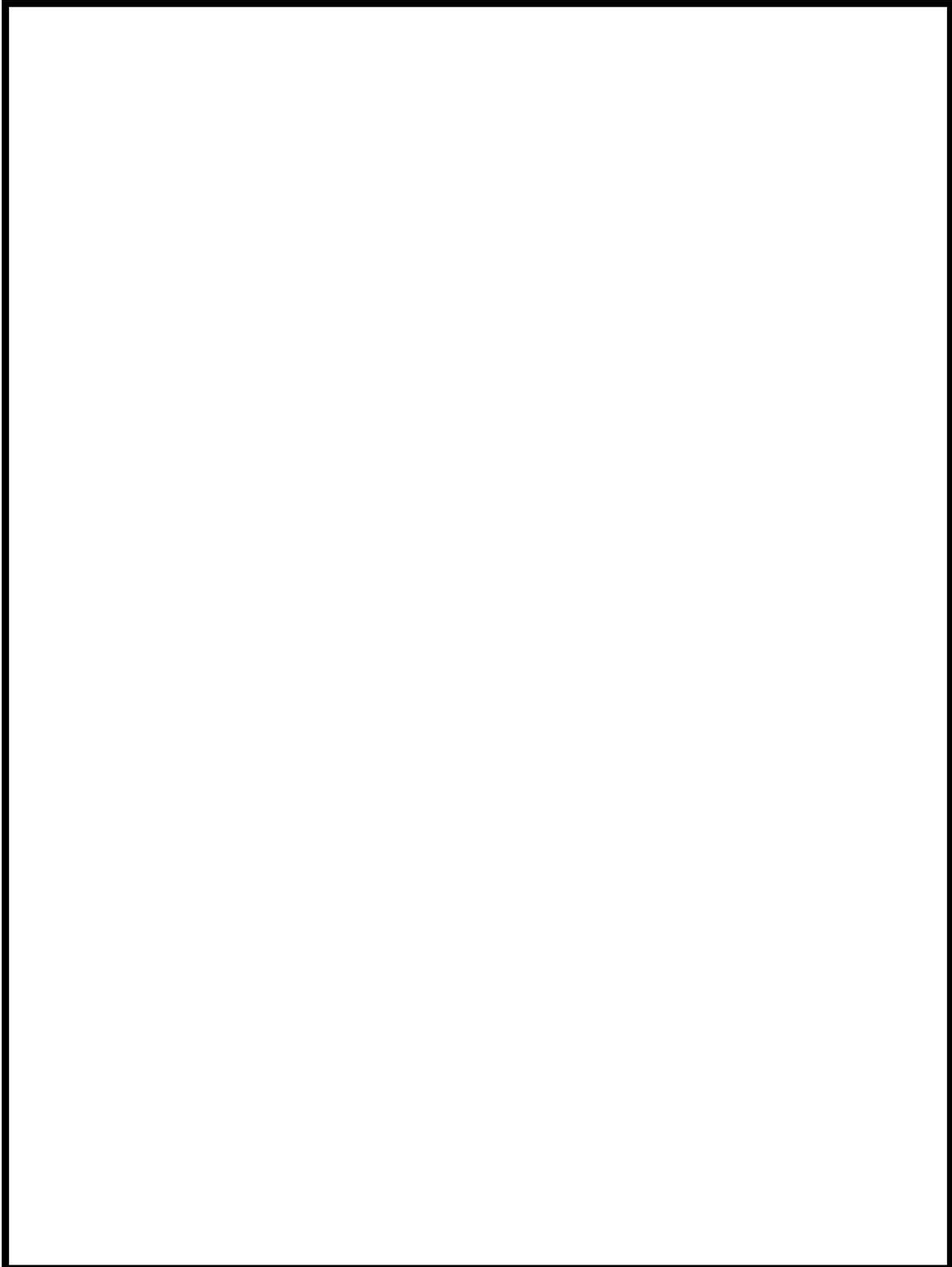
Assinatura do(s) pais ou responsável

APÊNDICE B: Modelo entregue para as crianças realizarem o desenho.

DESENHO

NOME: _____

DESENHE O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO:

A large, empty rectangular box with a thick black border, intended for a child to draw their favorite part of the 'My First Step' nucleus.

APÊNDICE C: Modelo entregue para as crianças realizarem a colagem das Figurinhas.

ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: _____

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1

2

--	--

3

4

--	--

5

6

--	--

APÊNDICE D: Imagens utilizadas para a realização das colagens.







APÊNDICE E: Transcrição da entrevista com a professora.

Balneário Camboriú, 02 de maio de 2011.

Entrevista

Ficha Técnica

Entrevistado: Professora Marina

Entrevistador: Rudnei Joaquim Martins

Local da Entrevista: Núcleo de Educação Infantil Meu Primeiro Passo

Transcrição: Rudnei Joaquim Martins

Entrevista Semi-estruturada

Nome: Marina Pereira da Silva

Nascimento: 16/01/1973

Idade: 38

Profissão: Professora de Educação Infantil.

Tempo de Profissão: 18 anos

Família: Casada e sem filhos.

Entrevistador: Esta entrevista vai fazer parte de uma pesquisa para dissertação do meu curso de mestrado que se intitula “A Apropriação do Espaço Escolar: um estudo de caso em uma pré-escola de Balneário Camboriú”. Sua participação é muito importante para mim. Por isso lhe passo o roteiro da entrevista para poder responder a esta entrevista. Por isso peço que a senhora responda ou escreva, para eu também poder fazer algumas anotações. E, para qualquer esclarecimento estou aqui para auxiliá-la. Ao final a entrevista, ela será lida, para que autorizes a sua utilização nos trabalhos.

Questão 1- Gostaria de saber a sua percepção sobre os espaços físicos do núcleo e como poderiam ser bem aproveitados.

Entrevistada: Acho que pelo tamanho do núcleo, os espaços físicos deveriam ser revistos, aproveitando mais locais como o espaço da horta (não precisa), uma sala de aula a menos (usar como sala de professores) cobrir o corredor de traz como + (mais) um espaço para as crianças usufruírem.

Questão 2- A psicologia ambiental trabalha com conceitos de espaço e espacialidades e considera o espaço como físico, cultural, social, etc. Gostaria de saber a sua opinião sobre isso.

Entrevistada: Quando se fala em espaço físico para desenvolvimento de crianças num processo – ensino aprendizagem – essa questão tem que ser inerente a todos esse conceitos. Isso a psicologia ambiental está correta.

Questão 3- O tema valores está sendo muito discutido hoje nas ciências sociais e, principalmente, nos ambientes escolares. Considerando que o espaço é também cultural, qual a sua opinião sobre o espaço cultural tanto da escola como da família em que as crianças do Jardim II estão inseridas.

Entrevistada: Na relação de valores, esse é bem desenvolvida e principalmente compreendido pelos nossos alunos, muitos pais aproveitam sugestões trabalhadas no cotidiano escolar para inserir esses valores em casa. Claro que sempre tem aquele que demonstra que em seu meio familiar não se tem noção do que significa regras e valores. Na realidade ensinar valores é educar em todos os sentidos.

Questão 4- As grandes mídias, principalmente, a televisão e a internet influenciam comportamentos e valores de crianças jovens e adultos. O Cyber espaço hoje já chegou à escola. Qual a sua expectativa como educadora sobre esse espaço.

Entrevistada: Ele é um espaço de suma importância, mas tem que ser usado com cautela, pois o mesmo pode inserir valores comportamentais visando o bem como o mal. Cabe ao educador ajudar esses alunos através de um processo – educação X família – propiciar o entendimento dessas mídias.

APÊNDICE F: Transcrição da entrevista com a monitora.

Balneário Camboriú, 06 de maio de 2011.

Entrevista

Ficha Técnica

Entrevistado: Zilá

Entrevistador: Rudnei Joaquim Martins

Local da Entrevista: Núcleo de Educação Infantil Meu Primeiro Passo

Transcrição: Rudnei Joaquim Martins

Entrevista Semi-estruturada

Nome: Zilá

Nascimento:

Idade:

Profissão: Monitora de Educação Infantil

Tempo de Profissão:

Família: Casada e com duas filhas

Entrevistador: Esta entrevista vai fazer parte de uma pesquisa para dissertação do meu curso de mestrado que se intitula “A Apropriação do Espaço Escolar: um estudo de caso em uma pré-escola de Balneário Camboriú”. Sua participação é muito importante para mim. Por isso lhe passo o roteiro da entrevista para poder responder a esta entrevista. Por isso peço que a senhora responda ou escreva, para eu também poder fazer algumas anotações. E, para qualquer esclarecimento estou aqui para auxiliá-la. Ao final a entrevista, ela será lida, para que autorizes a sua utilização nos trabalhos.

Questão 1- Gostaria de saber a sua percepção sobre os espaços físicos do núcleo e como poderiam ser bem aproveitados.

Entrevistada: Sendo o espaço físico extremamente pequeno para a faixa etária atendida (4 a 6 anos) a principio a solução seria adquirir um novo terreno que fica ao lado do núcleo, poderiam ser eliminados alguns vasos de flores que tomam o pouco espaço que temos.

Questão 2- A psicologia ambiental trabalha com conceitos de espaço e espacialidades e considera o espaço como físico, cultural, social, etc. Gostaria de saber a sua opinião sobre isso.

Entrevistada: Não consigo entender o que seria a psicologia ambiental... Espaço físico, cultural e social... Como assim?

Entrevistador: A Psicologia Ambiental é pode ser considerada disciplina ou área que está relacionada com Psicologia e outras áreas afins. E que se preocupa em estudar as pessoas na relação com o meio ambiente ao qual se vive (a casa, a escola, a rua, o bairro cidade e as florestas). E, esse relacionamento é influenciado por questões físicas (a estrutura), culturais (a culturas das pessoas) e sociais (e o meio social ao qual se vive).

Entrevistada: Dentro da realidade proposta este núcleo está deixando a desejar no espaço físico, sendo que as salas são muito pequenas demais e as cças (crianças) estão limitadas a se mobilizarem quando estão distribuídas as mesas e também não é possível a montagem dos “cantinhos” ou pelo menos o tão importante espaço p/ (para) leitura e estar disponibilizando para as cças tanto ao seu alcance alguns materiais, pois estamos bem supridos de material didático, e como citado anteriormente o espaço externo não é diferente, a quadra está inacabada faltando principalmente a cobertura, no parquinho faltam opções e sentimos a falta de uma caixa de areia tão almejada pelas cças.

Questão 3- O tema valores está sendo muito discutido hoje nas ciências sociais e, principalmente, nos ambientes escolares. Considerando que o espaço é também cultural, qual a sua opinião sobre o espaço cultural tanto da escola como da família em que as crianças do Jardim II estão inseridas.

Entrevistada: Nota-se que o educador dentro da realidade e da necessidade do grupo adapta as atividades trabalhando valores e também os valores culturais pois na maioria das famílias estes estão se perdendo; os pais usam todo o seu tempo ou grande parte dele trabalhando para suprir as necessidades básicas da família, e nesta hora que na tentativa de suprir a falta da presença dos pais que se perdem os valores principalmente o valores

morais, onde as crianças crescem sem limites e os valores culturais o tempo não permite certos entretenimentos em família.

Questão 4- As grandes mídias, principalmente, a televisão e a internet influenciam comportamentos e valores de crianças jovens e adultos. O Cyber espaço hoje já chegou à escola. Qual a sua expectativa como educadora sobre esse espaço.

Entrevistada: Visto que a TV e o rádio são os maiores meios da comunicação, acredita-se que isso influencia e muito na vida das crianças, os desenhos, filmes, etc... Os super-heróis são imitados e na maioria delas nota-se que tudo principalmente nas brincadeiras livres o que prevalece são as brincadeiras de luta e a internet sendo hoje o auge em comunicação muito usada na escola, é de muita ajuda para os alunos mas também estando disponível muitas coisas ruins que prejudicam toda uma sociedade.

APÊNDICE G- Aprovação do Comitê de Ética.



Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Resolução

Comitê de Ética em Pesquisa, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/Ministério da Saúde analisou o projeto abaixo.

Projeto: 308/2010

Pesquisador:

Teresinha Maria Gonçalves

Rudnei Joaquim Martins

Título: "A apropriação do espaço escolar: um estudo de caso em pré-escola de Balneário Camboriu, SC".

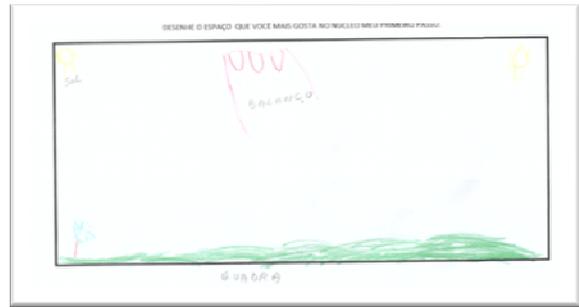
Este projeto foi Aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos, de acordo com as Diretrizes e Normas Internacionais e Nacionais. Toda e qualquer alteração do Projeto deverá ser comunicado ao CEP. Os membros do CEP não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores

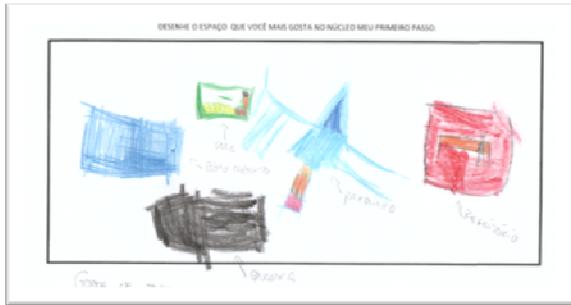
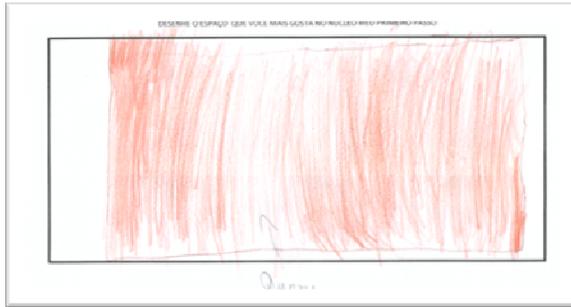
Criciúma, 03 de novembro de 2010.

Mágada T. Schwalm

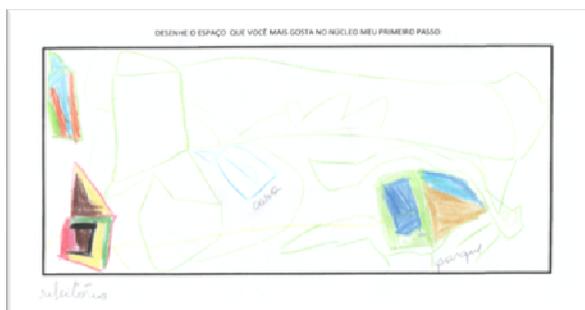
Coordenadora do CEP





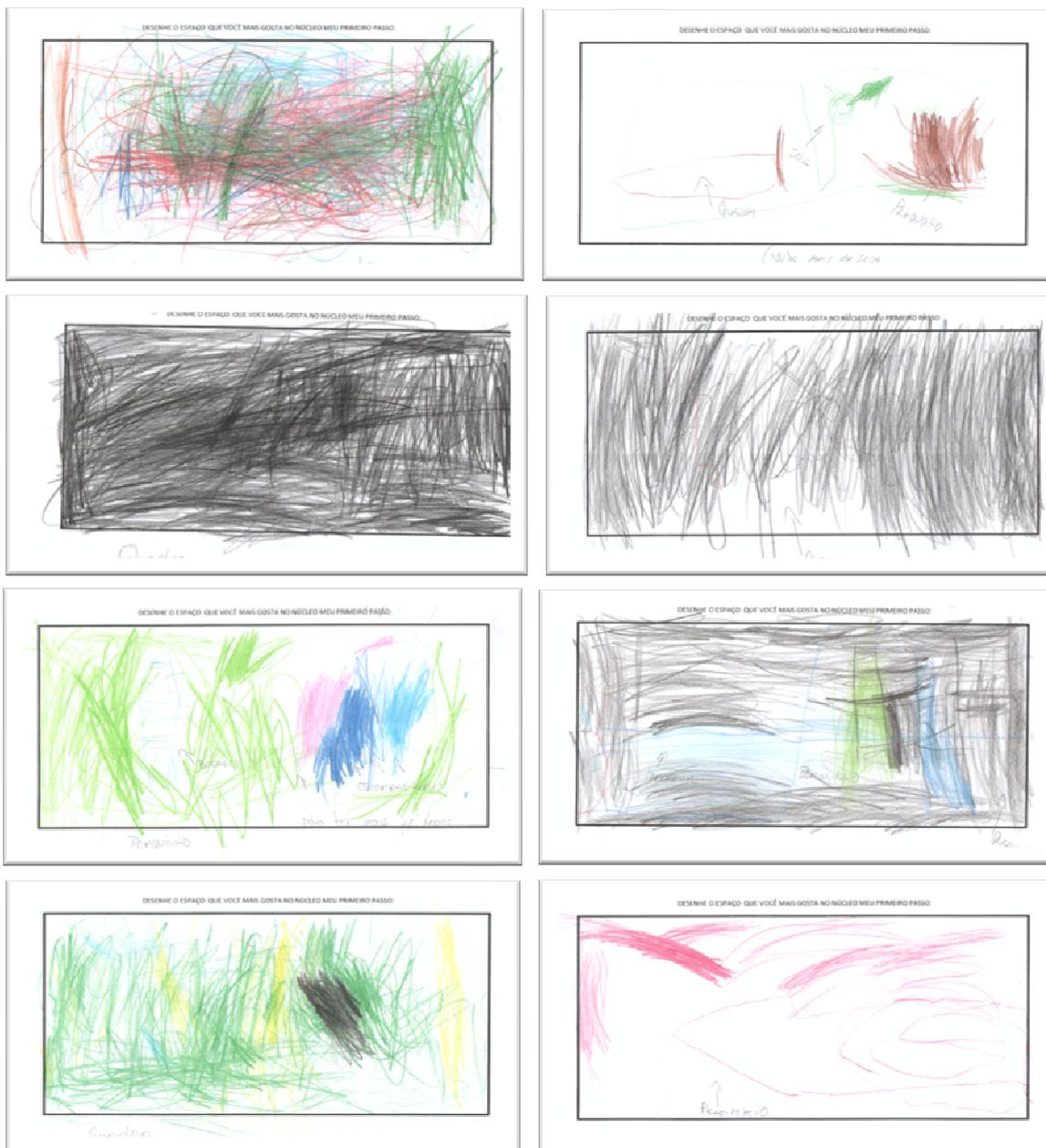


APÊNDICE K - Desenhos realizados pelas crianças do jardim II, grupo Tubarão vespertino.



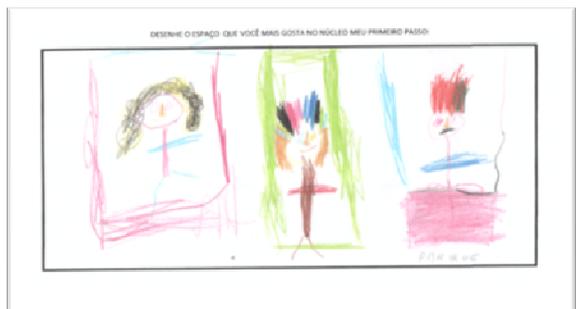
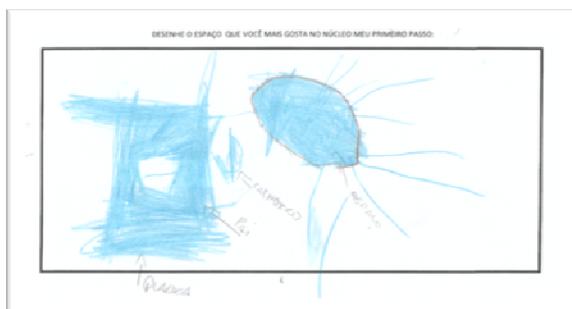
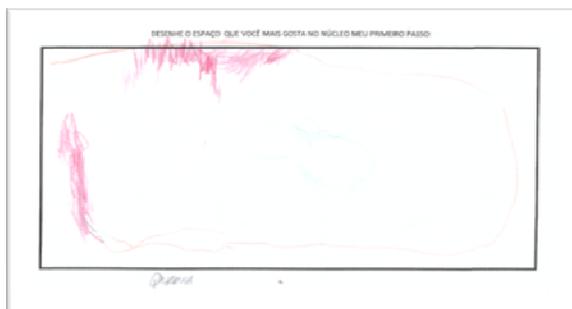


APÊNDICE L- Desenhos realizados pelas crianças do Jardim I, grupo Pica-pau.



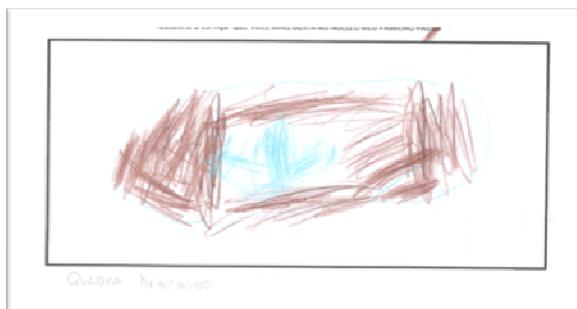


APÊNDICE O - Desenhos realizados pelas crianças do Jardim I, grupo Pinóquio vespertino.

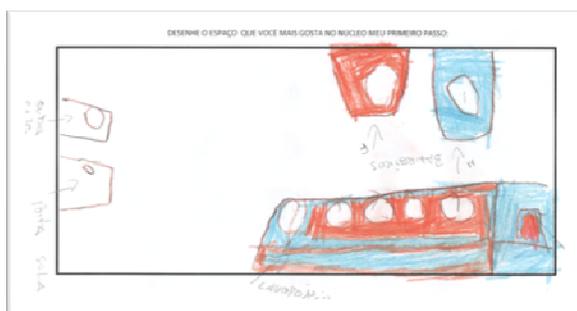
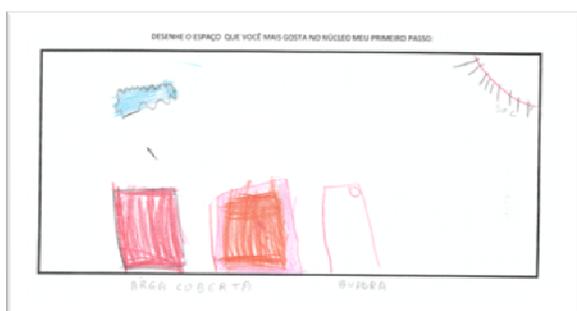


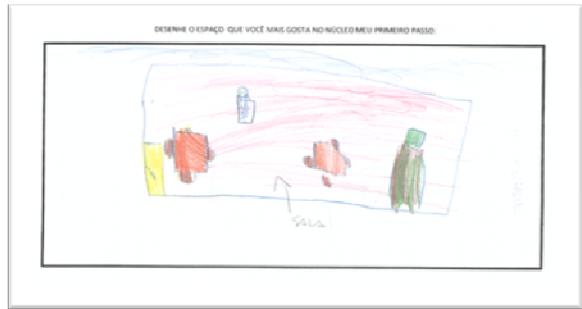


APÊNDICE P - Desenhos realizados pelas crianças do Jardim I, grupo Tartaruga.



APÊNDICE Q - Desenhos realizados pelas crianças do Jardim II, grupo Anjo Feliz.



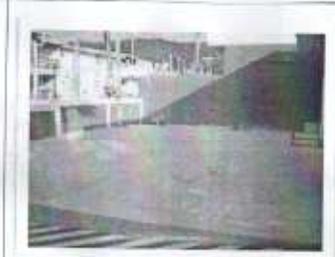


APÊNDICE R - Atividade de colagens realizadas pelas crianças do jardim II grupo Urso, representativas das demais colagens realizadas.

ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: ANA (Aninha)

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1 	2 
3 	4 
5 	6 

ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: EDISONMARINA

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: ANTONIO (MARCINHO)

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5



6

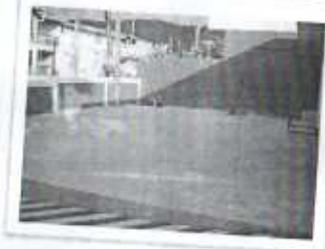


ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: GABRIEL MARINA

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: GUSTAVOMARINA

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

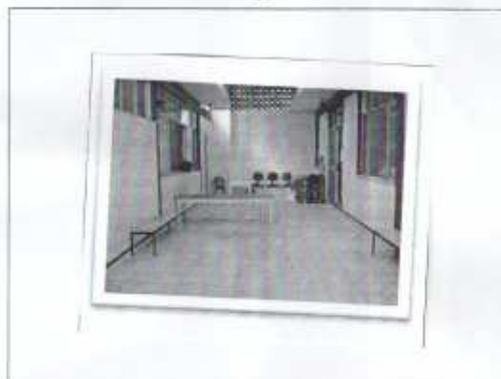
1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: Kauê (MARCINA)

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: LETICIA (Mariana)

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

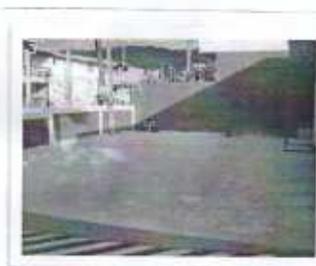
NOME: Luiz Cypriano (maior)

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: NATHANMARINA

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

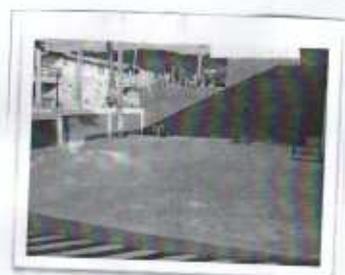
1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: NICOLAS (BRUNO)

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: RafaelCLAYTON

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5



6



ATIVIDADE DE COLAGEM DE IMAGENS

NOME: ESTEFANI (MAYANA)

QUAL ESPAÇO DO NÚCLEO MEU PRIMEIRO PASSO QUE VOCÊ MAIS GOSTA?

1



2



3



4



5

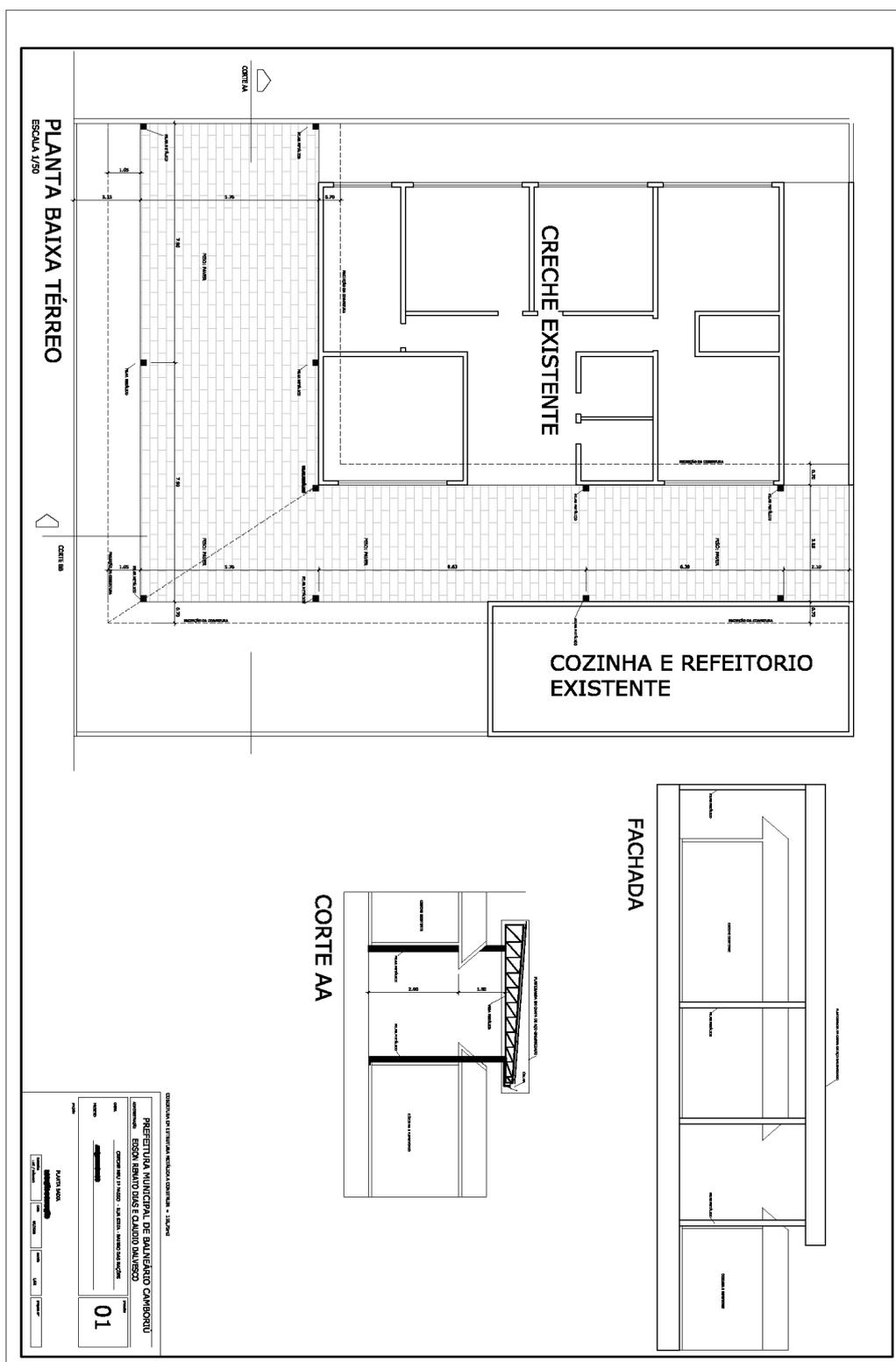


6



ANEXO

ANEXO A- Planta baixa do NEI Meu Primeiro Passo com cobertura da área externa que ainda não ocorreu.



Fonte: Setor de projetos da Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú